



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

VERCAUTEREN RAJIV MORAES DO NASCIMENTO

**PUNKS, ESPECTADORES DA DESGRAÇA! (?)
O CENÁRIO PUNK EM JOÃO PESSOA NOS ANOS 90**

**CAMPINA GRANDE – PB
DEZEMBRO DE 2017**

VERCAUTEREN RAJIV MORAES DO NASCIMENTO

**PUNKS, ESPECTADORES DA DESGRAÇA! (?):
O CENÁRIO PUNK EM JOÃO PESSOA NOS ANOS 90**

Monografia apresentada ao Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de licenciado em História.

Orientador: Me. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio

CAMPINA GRANDE – PB

2017

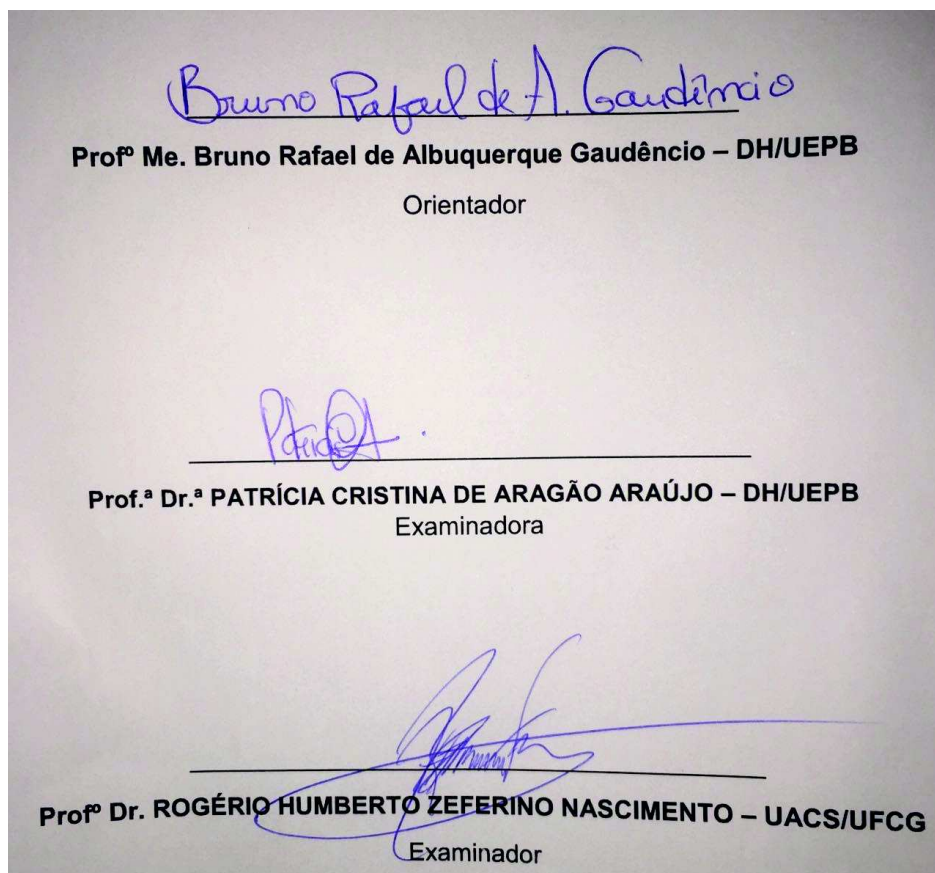
VERCAUTEREN RAJIV MORAES DO NASCIMENTO

**PUNKS, EXPECTADORES DA DESGRAÇA (?):
O CENÁRIO PUNK EM JOÃO PESSOA NOS ANOS 90**

Monografia apresentada ao Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciado em História.

Aprovado em 11/12/2017.

BANCA EXAMINADORA



É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N244p Nascimento, Vercauteren Rajiv Moraes do.
Punks, espectadores da desgraça! (?) [manuscrito] : o cenário punk em João Pessoa nos anos 90 / Vercauteren Rajiv Moraes do Nascimento. - 2017.
60 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Bruno Rafael de Albuquerque Galdêncio, Departamento de História - CH."

1. Identidade. 2. anarco-punk. 3. punk hardcore.

21. ed. CDD 306.1

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço à UEPB e ao meu orientador, o professor Bruno Gaudêncio pela confiança. Agradeço a todos (as) integrantes ou “ex” integrantes do anarco-punk e punk hardcore que contribuíram de maneira direta ou indireta com este trabalho, especialmente a Dan, pela disponibilização de materiais bibliográficos, capas de demotapes e estadia em João Pessoa, aos entrevistados: Zk, Renato Maia, Sérgio, Derek e Alex Pança (este último, pela paciência com tantas perguntas). Aos (às) colegas da turma 2012.1 de História e a outros que conheci neste percurso, especialmente às que mais me deram força: Aliana e Marinês. Aos meus familiares que me apoiaram, minha mãe, minha madrasta e meus parentes que se foram durante o curso, mas estariam felizes nesse momento, que são meu pai Valmir e minha tia-avó Vilma (*in memoriam*). E também aos meus filhos, por me inspirarem a estar em busca de algo melhor.

Ao verme que primeiro [roer] as frias carnes do meu cadáver, dedico como saudosa lembrança[...] (ASSIS, 1994, p.1).

RESUMO

Este trabalho tem como seu principal objetivo analisar como se formam as identidades do grupo que ficou conhecido como *punks hardcore*, na cidade de João Pessoa na década de 1990, verificando que foi um período marcado pela divisão na cena *punk*. Verificamos como se dá o aparecimento dos primeiros *punks* na capital paraibana, o período de politização em que é criado o MAP (Movimento Anarco Punk), tornando-se um movimento cultural, social e artístico, até as divergências em relação às práticas e opiniões em torno do “ser *punk*”, que ajudaram a forjar uma nova identidade. Além de uma pesquisa bibliográfica específica e consulta à documentários, fazemos um diálogo com pesquisadores que investigam o tema do *punk/anarco-punk* paraibano, porém esta pesquisa segue pelo viés da História Cultural, coletando e analisando os vestígios deixados por estes grupos, através de suas práticas e produções contraculturais, como a elaboração de *fanzines*, músicas, encontros, fotografias, vestimentas, expressões etc. Também analisamos as memórias através da oralidade com conversas e entrevistas que nos foram gentilmente concedidas por integrantes e “ex” integrantes, do *anarco-punk* e do *punk hardcore* desta geração. Criticada e vista como sinônimo de conformismo pelos anarco-punks, a frase: “punks, espectadores da desgraça”, segundo relatos, encontrava-se pichada no muro de uma antiga residência universitária em João Pessoa e era atribuída aos *punks hardcore*, como uma demonstração de seu pessimismo em relação à política e militância anarquista do outro grupo.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade, anarco-punk, punk hardcore, João Pessoa-PB.

ABSTRACT

The main objective of this work is to analyze how were formed the identities of the group that became known as hardcore punks in the city of João Pessoa in the 1990s which was a period marked by division in the punk scene. We verified how the first punks in the capital of Paraíba appeared, the period of politicization in which the *MAP* (Anarcho Punk Movement) was created, becoming a cultural, social and artistic movement, until divergences in relation to the practices and opinions around of punk being, which help to forge a new identity. In addition to a specific bibliographical and documentaries research, we hold a dialogue with researchers who investigate the theme of punk/anarcho-punk in the state of Paraíba, but this research follows the Cultural History aspect, collecting and analyzing the vestige left by these groups, through their countercultural practices and productions such as the elaboration of fanzines, music, meetings, photographs, clothing, expressions, etc. We also analyze the memories through orality with conversations and interviews that were kindly granted by members and "ex" members from that generation of anarcho-punk and hardcore punk. Criticized and seen as synonymous of conformism by the anarcho punks, the phrase "punks, spectators of doom" was reported to be stamped on the wall of an old university residence in João Pessoa and was attributed to hardcore punks as a demonstration of his pessimism in relation to the politics and anarchist militancy of the other group.

Keywords: Identity, anarcho punk, hardcore punk, João Pessoa-PB.

LISTA DE SIGLAS

CCS	Centro de Cultura Social
MAP	Movimento Anarco Punk
MHC	Movimento Hard Core
NAL	Núcleo de Ação Libertária
RA	Reação Anarquista
RHC	Resistência Hard Core

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I	13
UMA PESQUISA SOBRE AS IDENTIDADES DO PUNK PESSOENSE SOB A PERSPECTIVA DA HISTÓRIA CULTURAL	13
CAPÍTULO II	17
1. BREVE HISTÓRICO DA TRAJETORIA DO PUNK: DO MOVIMENTO INTERNACIONAL AO PARAIBANO	17
1.2 PUNK NO BRASIL	21
1.3 ANARQUIA NA PARAÍBA	24
CAPÍTULO III	31
3. PUNKS HARDCORE NOS ANOS 90: IDENTIDADE DE RADICALISMO	31
3.1 CENÁRIO ATUAL	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	50
ANEXOS:	54

INTRODUÇÃO

Na Paraíba o movimento *punk* tem adeptos (as) e afins desde a década de 1980. Como um de seus desde minha adolescência, naturalmente, sempre me interessei em ouvir as histórias de *punks* mais antigos principalmente através da oralidade. Ao ingressar no Curso de História, não custei a perceber a possibilidade de boas pesquisas que estas histórias poderiam render com o auxílio de outros tipos de fontes, como *fanzines*, vídeos, documentários, fotografias e outros, em sua grande maioria produzidos pelo próprio movimento.

As pesquisas acadêmicas que tem como tema principal o *punk*, geralmente privilegiam as cenas do Sudeste, sendo assim, é de grande relevância para a historiografia da música *undeground* paraibana e de seus movimentos de contracultura, pesquisas que se voltem para as cenas locais, buscando a compreensão de seus contextos, sendo esta mais uma motivação para a realização desta.

O tema central desta pesquisa é a investigação da formação das identidades no *punk* de João Pessoa, onde, na década de 1990, houve o que ficou conhecido com um “racha”, emergindo daí uma outra facção que ficou conhecida como *punks hardcore*, ou niilistas/pessimistas. Aqui, procuramos lançar um outro olhar sobre este conflito, em relação a outras pesquisas que citam o mesmo sem um maior aprofundamento, que são pouquíssimas, muito provavelmente por ser um acontecimento recente, ou por não serem o seu tema principal.

Para esta escrita, optamos por trabalhar pelo viés da História Cultural, pelo fato de esta área do conhecimento historiográfico ofertar uma amplitude maior em seus objetos de estudo, partindo das representações a serem abordadas por meio das produções culturais, pensando a cultura “como um conjunto de significados partilhados e construídos pelo homens para explicar o mundo”(Jatahy, 2012) e das práticas exercidas pelos sujeitos sociais, buscando refletir sobre a contribuição que essa modalidade teórica pode oferecer aos

estudos e perspectivas sobre as subjetividades que atuam no cotidiano, como também na formação das representações do ser *punk*, enquanto resgate de sentidos que se manifestam em discursos e práticas.

Sob a perspectiva da História Cultural, utilizaremos, entre outras fontes, a fonte oral, onde procuramos pessoas de ambos os lados da citada divisão, que relataram suas experiências. O maior fator que contribuiu para a escolha deste tipo de fonte é a existência de pouco material bibliográfico a respeito do movimento punk paraibano, dentre as pesquisas as que tratam um pouco deste “racha” existem menos ainda. O principal é o trabalho do sociólogo Yuriallis Bastos, intitulado: *“Partidários do anarquismo, militantes da contracultura: um estudo sobre a influência do anarquismo na produção cultural anarco-punk”*, onde o autor narra as desavenças ocorridas nesta época, chamando-os de “guerras de posturas”. Porém o autor não se aprofunda muito no assunto, o mesmo justifica que seria necessário coletar depoimentos de pessoas envolvidas nos diferentes lados desta questão, além disso, este não foi o tema central de sua pesquisa. Também temos a monografia do curso de ciências sociais *“Hardcore punk: negação política e (contra) cultural no “som do atrito” em João Pessoa”* de autoria de Dan Durier, onde o autor analisa as experiências de produção cultural do *punk/anarco-punk/hardcore* pessoense em confronto às formas de produção de bens culturais massificados. Além destes também temos a monografia do Curso de História: *“A trajetória da música punk, em João Pessoa na década de 1990”* em que o autor Solano Alves dedica algumas páginas à análise deste embate *anarco-punk* e *punk hardcore*. O fato de ser um acontecimento recente, década de 1990, e de a maioria dos seus participantes estarem vivos também nos é favorável para a coleta deste tipo de fonte. Outro fator importante é que nos dias atuais existem inúmeras possibilidades tecnológicas para se gravar depoimentos. A pesquisa com a História Oral pode possibilitar entender como estes indivíduos experimentaram e como reelaboram o passado através de suas memórias.

A fotografia, que é aqui utilizada, como fonte historiográfica requer atenção, pois a mesma deve ser compreendida como vestígio do objeto que lá esteve, é necessária uma interpretação da representação da realidade, pois as

imagens são representações do mundo elaboradas para serem vistas, com intencionalidade. Mostrar como os *punks* representam a si próprios e ao mundo, quais os valores e conceitos que querem passar, de maneira direta ou subliminar. Por não ter entrado em contato com todas as pessoas das fotografias, já que algumas moram em outros estados, preferi manter o anonimato colocando tarjas. Algumas dessas pessoas preferem não relembrar este período de acordo com alguns.

Já o campo das identidades pode ser analisado a partir da interpretação da memória. A identidade, enquanto representação social, trata-se de uma construção imaginária de sentido simbólico, que a partir da ideia de pertencimento, organiza um sistema compreensivo. Esta identidade é relacional, pois é a partir da identificação de uma alteridade que ela se constitui. Podemos verificar que antes da separação dos grupos de *punks* de João Pessoa, havia um só grupo que realizava atividades em conjunto, e dividia os mesmos espaços e práticas, mas já com diversidade de pensamentos e ações. Com algum tempo se acentuaram diferenças e houve a estranheiridade de um grupo de pertencimento em relação ao outro, provocando o que os punks chamaram de “racha”, gerando tensões e conflitos entre os mesmos. Sendo assim, é importante analisar a maneira pela qual essa diferença se construiu através do imaginário, verificando que essa separação ideológica entre *anarco-punks* e *punks hardcore* não aconteceu apenas na Paraíba mas, também, em outros estados. Como aconteceu essa elaboração identitária na cidade de João Pessoa nos anos 90? Será possível ainda verificar diferenças em suas produções contraculturais e comportamentais após o “racha”? Investigamos que forma de alteridade deu origem a esse conflito, em termos de negação, verificando que esse mesmo tipo de alteridade deu origem ao próprio movimento *punk*, considerando que se tratava de um movimento reativo de jovens de origem pobre, que se sentiam rejeitados ou excluídos do todo social, articulando sua própria identidade, frente ao mundo que os rechaça.

Ao se sentir pertencente a algum grupo social, o indivíduo busca seu lugar, onde suas práticas culturais estão refletidas, pois a memória atribui

sentidos, dando movimento à construção da identidade. Com o decorrer dos escritos em torno do conceito de identidade várias foram as construções discursivas.

Entretanto ao fazer uma análise sobre a forma como o conceito de identidade vem sendo abordado por algumas concepções teóricas, por exemplo as elaboradas por Stuart Hall, verificamos que a identidade é um conceito que opera “sob-rasura”, no intervalo entre inversão e a emergência: uma ideia que não pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual certas questões-chaves não podem ser pensadas (HALL, 2000, p. 104). Mesmo ainda sujeito a discussões, o conceito de identidade enfatizado no processo de subjetivação se dá através da “identificação” ao ser “construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum” (HALL, 200, p.109), seja nas práticas ou ideias que operam dentro de um discurso de diferença. De acordo com Hall (2000, p. 109):

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior de um jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu lugar tradicional, [...] sem diferenciação interna.

Reconhecendo a si próprio o sujeito passa a ocupar seu lugar no grupo pelo processo de identificação que lhe dá uma auto sensação de pertencimento. Através da produção do eu, a formação do sujeito tem como base a perspectiva de produzir a subjetividade no indivíduo.

Os capítulos são divididos em três, no primeiro: “Uma pesquisa sobre as identidades do *punk* na cidade de João Pessoa sob a perspectiva da História Cultural” é apresentado um panorama acerca da utilização da historiografia cultural e sua relação com as fontes usadas nesta pesquisa.

No segundo capítulo “Breve histórico da trajetória do *punk*: do movimento internacional ao paraibano”, fazemos uma síntese do aparecimento do *punk*, suas influencias, até sua chegada ao Brasil, com seu contexto

político-social e econômico, até surgirem os primeiros *punks* em solo paraibano nos anos 80 e o período de politização em que foi fundado o *MAP* de João Pessoa e seu desenvolvimento.

No terceiro capítulo “*Punk hardcore: identidade de radicalismo*” investigamos como se desenvolveu a musicalidade e a postura *hardcore* em João Pessoa na década de 90, dialogando com o contexto nacional e internacional dos anos 80 à década de 90.

CAPÍTULO I

UMA PESQUISA SOBRE AS IDENTIDADES DO PUNK PESSOENSE SOB A PERSPECTIVA DA HISTÓRIA CULTURAL

Nas últimas décadas a historiografia tem possibilitado, um espaço múltiplo no campo da História. Diferente do século XIX, em que predominava a historiografia dita positivista, no século XX foram se fixando diversas modalidades historiográficas importantes para que os historiadores ampliassem sua perspectiva investigativa. Com as novas metodologias e abordagens de se trabalhar a historiografia, como a História Social, a História Demográfica, a História da Sexualidade, a História Cultural entre outras, a historiografia passou a se caracterizar pelas particularidades e fragmentação de suas especificidades.

No Brasil, a historiografia das últimas décadas do século XX, era predominantemente marxista e também se inspirava na historiografia dos Annales. Com redefinição de suas modalidades e particularização de suas dimensões e domínios, a historiografia se dividiu em suas classificações e abordagens, na virada da década de 1980 para 1990 a teoria marxista e a dos Annales sofreram críticas com a chamada crise dos paradigmas.

Ao perceber a possibilidade de se deixar atravessar por outros segmentos, o campo da História foi se apropriando de uma riqueza de possibilidades, em que cada modalidade, ao se restringir em sua temática, mantém uma inter-relação com outras abordagens teóricas presentes no saber historiográfico. São momentos em que a interdisciplinaridade surge como consequência de uma maior procura de possibilidades dentro das instâncias de estudo.

A História Cultural é um campo historiográfico que trabalha com a ideia de cultura, ou de culturas, quando pensada em múltiplas perspectivas, todas elas trabalhando o viés de uma linha de cultura rica em objetos que oferecem propriedades de representações construídas sobre o mundo pelos homens, que são formas integradoras de vida social, gerando práticas e condutas, uma construção feita a partir do real e explicativa do real. No caso

desta pesquisa será investigada a cultura *punk* na cidade de João Pessoa-PB, que também pode ser considerada uma contracultura, uma cultura *underground*, uma subcultura, uma cultura marginal ou alternativa, que tem suas práticas focadas principalmente nas transformações da consciência, dos valores e do comportamento, na busca de outros espaços e meios de expressão para o indivíduo e de realidades do cotidiano, como por exemplo a música (antimúsica), a produção de *fanzines*, as vestimentas, a consciência política, os *points*, a negação de valores sociais, símbolos, etc. Aqui será focado o olhar para o grupo chamado *punks hardcore*, ou *punks* pessimistas, que surgiu em João Pessoa nos anos 90.

Como proposta, a História cultural busca decifrar o passado através de suas representações, de seu imaginário, essas representações do acontecido são buscadas pelo historiador como fontes e documentos para pesquisa. O imaginário seria um sistema de imagens e ideias da representação coletiva criadas em cada época pelos homens para dar sentido ao real. Deste ponto de vista, a cultura pode ser considerada parte do imaginário de uma sociedade, pois para se chegar até as sensibilidades do passado é necessário que elas tenham deixado registros que cheguem até o presente, sejam eles escritos, falados, imagéticos ou materiais. Tudo o que faz referência ao acontecer e às práticas do cotidiano do sujeito enquanto membro de uma sociedade é entendido como mecanismo de produção cultural, mesmo que essas produções culturais sejam de crítica e contestação. Nenhum fato é negligenciável, mas sim, questionável para se entender as dimensões culturais determinadas às sociedades. Seja na cultura oral ou na escrita, investigar as normas culturais através sua contestação, é uma maneira de se entender as transformações das práticas e representações culturais que foram acontecendo com a sociedade no decorrer do tempo.

No século XIX História Cultural produzida seguia as estruturas de uma historiografia mais elitizada em que seus objetos de pesquisa se limitavam entre os estudos de áreas como as Artes, a Literatura e a Ciência, negligenciando a percepção dos fatos predominantes nos modos de agir, sentir e pensar dos sujeitos.

Como métodos da História Cultural, temos variadas opções. Carlo Ginzburg, por exemplo, nos fala do “paradigma indiciário” em que o historiador é equiparado a um detetive, responsável pela decifração de um enigma, pela elucidação de um enredo. Sendo necessária a interpretação da realidade, das representações, enxergar além do que é dito, apoiando-se nas fontes. Com a renovação das correntes e dos campos de pesquisas, se multiplicaram os objetos temáticos e as novas fontes, os *fanzines*, fotografias, cartazes, letras de músicas, etc, que são expressões da cultura *punk*, também podem ser analisados como fontes.

A História oral permite acessos a “histórias dentro da história”, o que faz com que a possibilidade de interpretações do passado seja ampliada. Esta metodologia de pesquisa surgiu em meados do século XX, opondo-se à História positivista do século anterior, após a invenção do gravador de fita, consistindo na gravação de entrevistas com pessoas que vivenciaram os acontecimentos pesquisados, no passado e presente, sendo considerada uma História do local e do comunitário se opondo a História da nação. No Brasil este tipo de pesquisa se iniciou a partir de 1975. Com a História oral, houve uma polarização entre História de “baixo” e História de “cima”, porém o discurso de “dar voz” às minorias acaba por reforçar as diferenças sociais, pois passa a ideia de que os historiadores têm a missão de dar voz aos mais desfavorecidos, como se os mesmos fossem incapazes de fazê-lo.

O campo em que a História oral melhor contribui, é o da História da memória. Ao buscar verificar o passado através da História oral, o historiador deve buscar dar movimento a essas vozes que estão silenciadas na memória, quer seja no esquecimento ou nas lembranças. Aristóteles afirmou que existe a memória chamada *mneme*, que é a presença de imagens involuntárias do passado no espírito que podem surgir espontaneamente ou ser despertadas por atos ou objetos; e a *anamnese*, que é o trabalho de busca, a memória voluntária. Quando se trabalha com memória, a História oral é uma ótima fonte de pesquisa. No início este método sofreu críticas, pois acreditava-se que não se podia confiar nos relatos carregados de subjetividade dos indivíduos. Atualmente considera-se que a análise das chamadas “distorções” da memória

pode levar a melhor compreensão das ações de um grupo, e consequentemente à construção de sua identidade. O indivíduo que relembra já não é mais aquele que viveu, em seu relato existe reflexão, ressignificação e julgamento do fato. A contrapartida da memória é o esquecimento, pois a memória é seletiva, não é possível tudo lembrar. A memória resulta do trabalho de organização do que importa para o sentimento de unidade e de continuidade, ou seja, de identidade.

As sociedades guardam registros que fixam os “lugares de memória” no resgate de sua história. São estruturas simbólicas e sua preocupação é trazer lembranças de determinado momento de importância para a cultura, podendo ser elementos sólidos e fixos como estátuas, acervos, museus, galerias, datas, entre outros. Os acontecimentos que fazem parte da memória individual e coletiva dos sujeitos vão constituindo suas identidades. Por isto, podemos analisar como as memórias de determinado grupo vêm a determinar a construção de identificação dentro do processo de perceber as identidades, constituídas particularmente por se conectarem através dos fatores de lembranças e recordações atuantes nos reservatórios da memória. É também na preservação do passado que podemos encontrar um lugar de construção da identidade, pois podemos compreender que a identidade de um determinado grupo social ou indivíduo é formada por meio dos registros históricos que marcaram a memória. No caso do movimento *punk* paraibano esta preservação do passado está nas práticas e produções, como formas de expressão, apesar de muitos indivíduos da década de 1990 não fazerem mais parte desta subcultura, novas gerações apareceram renovando o cenário e mantendo viva a identidade deste grupo. Podemos verificar que esta é a mesma opinião de Stewart Home no livro: “*Assalto à Cultura – Utopia, Subversão, Guerrilha na (anti) Arte do Século XX*”: [...]O Punk claramente tinha algo a dizer, e o fato de conseguir comunica-lo efetivamente é demonstrado até hoje pela identificação generalizada dos adolescentes com ele[...] (HOME, 1999, p.127)

CAPÍTULO II

1. BREVE HISTÓRICO DA TRAJETORIA DO PUNK: DO MOVIMENTO INTERNACIONAL AO PARAIBANO

Para que possamos compreender o tema central desta pesquisa, é necessário o entendimento do que se trata este movimento considerado como um dos últimos da contracultura. Buscarei neste capítulo explicar de maneira resumida, já que este não é o nosso principal objetivo, como surgiu este movimento e sua expansão mundial até sua chegada à capital paraibana.

Obviamente que o punk não apareceu do nada, teve influências de movimentos artísticos e de contestação do século XX. A influência mais comentada é a do *Dadá* (ou *Dadaísmo*), movimento pós Primeira Guerra mundial, que rejeitava os valores sociais e estéticos, mais notável na França. Mas é conhecida também a influência do *Futurismo*, *Motherfuckers*, *Fluxus* e *Mail Art*, como afirma Stewart Home. Acrescento ainda o *Beatnik*, os *Provos* e o próprio *Hippie*.

Estabelecer um marco inicial para o movimento punk é algo discutível, assim como o local de seu nascimento, se Estados Unidos ou Inglaterra. Conta-se que o punk brasileiro teria surgido simultaneamente a estes¹, ou que teria surgido até mesmo no Peru com a banda *Los Saicos* de 1964. Segundo Craig O'Hara, tanto:

[...]a cena de Nova York do final dos anos 60/início dos anos 70 ou os punks ingleses de 1975-76 podem receber as honras[...]em geral, pensa-se que foram os nova-iorquinos que inventaram o estilo musical, enquanto os ingleses popularizaram o visual colorido. (O'HARA, 2005, p. 31/32).

As bandas nova-iorquinas do período referido acima eram: *Velvet Underground*, *Ramones*, *MC5*, *Stooges*, *New York Dolls*, *Television*, *Patti Smith Group*, etc². que se apresentavam em clubes como o, hoje famoso, *CBGB's*³ e

¹ Para mais informações verificar no documentário: *Botinada*, a origem do punk no Brasil, direção: Gastão Moreira. "A gente já era punk desde 74, entendeu? A gente já tinha aquela ideia do punk e tal, e a gente nem sabia." (Ariel). "Se o punk não tivesse sido inventado em Nova York, a gente tinha inventado aqui." (Clemente Nascimento).

² A maior parte das bandas citadas existiu antes mesmo do termo "punk" ser associado a este movimento que surgia. Hoje em dia, elas são consideradas proto punks, por terem antecipado a sonoridade e a postura contestatória.

Max's Kansas City. Legs Mc Neil (um dos responsáveis pelo livro “*Mate-me por favor, a história sem censura do Punk*”) nomeou sua revista de música e cultura pop de “*Punk*” em 1975.

Por que a gente não chama de *punk*? A palavra “*punk*” pareceu ser o fio que conectava tudo que a gente gostava – bebedeira, antipatia, esperteza sem pretensão, absurdo, diversão, ironia e coisas com apelo mais sombrio. (Mc NEIL e Mc CAIN, 2009, p. 216.)

De acordo com Antônio Bivar (1988) em seu livro: *O Que é Punk*, a palavra “*punk*” é bem antiga na língua inglesa, sendo que um de seus primeiros registros escritos é da obra *Measure for Measure* (Medida por Medida) de William Shakespeare no século XVIII, como sinônimo de “prostituta”. Sendo apenas na década de 1970 que a palavra começa a ser relacionada ao grupo que surgia e o *rock* feito pelos mesmos, que já passaria a não ser mais *rock* e sim *punk rock*. O historiador paraibano Carlos Ferreira, faz um estudo mais aprofundado sobre o significado da palavra “*punk*” ao longo do tempo⁴.

Numa época em que o sonho *hippie* havia acabado, a década de 1970, o movimento *punk* também direcionou sua luta contra o *estabeleishment*⁵, se opôs às guerras e injustiças sociais das quais também eram vítimas, porém, sem o apaziguamento da geração “paz e amor”, ao contrário dos *hippies*, que buscavam a fuga no campo, os punks preferiram confrontar o caos urbano e as crises sociais. O *punk* surgiu conscientemente urbano, desprezando o campo, tendo grande apoio dos adolescentes suburbanos. Além disso o *hippie* acabou perdendo seu sentido de luta pela liberdade, ruptura com os padrões da família e repressão social, para essa geração. A mídia havia invadido as fileiras deste movimento e mais tarde tentaria o mesmo com o *punk* que teve de criar novas estratégias para resistir.

³ CBGB (Country, Bluegrass and Blues), clube de música localizado no bairro East Village, Manhattan, Nova Iorque, considerado por muitos como berço do punk rock.

⁴ Ver: “A Hora da Vingança: Astúcia e experiência Anarcopunk nas cidades de João Pessoa-PB e Campina Grande-PB (1988-2006)”.

⁵ Ordem econômica, ideológica, política e legal de um Estado ou uma sociedade são constituídos.

Ao falar sobre o início do movimento *punk* muito se fala sobre a banda londrina *Sex Pistols* (1975-1978), surgida num bairro operário da capital inglesa, que teria personificado o movimento *punk*, com suas músicas e atitudes de desprezo às regras sociais. Cusparadas no palco, brigas com o público, desavenças entre integrantes da banda e com empresário Malcom McLaren, roupas sujas, rasgadas, amarradas, costuradas com zíperes, presas por alfinetes de segurança, dentes podres, cabelos arrepiados, etc. provocavam o conservadorismo da sociedade britânica. A banda pode ter sido uma das grandes responsáveis por popularizar o *punk* através da mídia, mas logo recebeu a rejeição da maioria dos *punks* devido sua atitude mais voltada para o lucro (como assinar contrato com a gigante multi-nacional *EMI*⁶), como seus próprios integrantes e empresário nunca fizeram questão de esconder. A morte do lendário baixista Sid Vicious por overdose, fez com que a mídia logo declarasse a morte do movimento *punk*. A respeito dos *Pistols*:

O papel dos Sex Pistols no Movimento Punk tem sido completamente *mistificado*. Eles podem ter *roubado o show*, mas o Punk teria acontecido mesmo sem eles – enquanto eles não teriam ficado famosos sem o Punk. O importante no Punk era a atitude *faça-você-mesmo*, não as poucas *estrelas* que *trapacearam* para chegar ao topo (HOME, 1999, p.133)

E ainda:

Os *Sex Pistols* podem ter sido importantes para o punk, mas será que mereciam as dezenas de livros acadêmicos meias-bocas sobre cultura pop que se escreveram sobre eles? O punk como música e como movimento não se encerrou neles e depois reapareceu de súbito 13 anos mais tarde em Seattle, como alguns historiadores da música querem que o público em geral acredite. (O'HARA, 2005, p.17)

A atitude do *faça-você-mesmo* (*do it yourself - D.I.Y.*) se tornou a ética do *punk*, pessoas que nunca haviam tocado instrumentos formaram suas próprias bandas (daí a simplicidade do *punk rock*, contrariando o *rock and roll* cheio de virtuosismos técnicos que se fazia na época com o *classic rock*). Selos independentes começaram a lançar bandas desconhecidas, proliferou-se a imprensa independente com lançamento de *fanzines* em xerox, os próprios punks confeccionando seu visual⁷, roupas, cortes de cabelo (como por exemplo

⁶ EMI: Electric Musical Industries Ltd., antiga empresa multi-nacional do ramo fonográfico com sede em Londres.

⁷ Visual: é assim que os punks se referem às suas vestimentas.

o moicano – *mowhawk* – inspirado em índios norte-americanos, em protesto ao massacre sofrido pelos mesmos durante a colonização). Fica claro que esta é uma atitude anti-consumista, que estimula a originalidade e combate pensamentos pré-fabricados.

Com o fim da fase inicial do *punk*, surgem novas posturas no início dos anos 80. No fim dos anos 70 e começo dos anos 80 o *punk* passa por uma politização através do contato com as teorias anarquistas passando a organizar o movimento e engajando-se a movimentos políticos e sociais (na Inglaterra, muitos *punks* passaram a atuar pelo *Class War*⁸). Nesta época surge o movimento *anarco-punk*, a banda/comunidade *Crass* é uma das mais conhecidas da época, com ideais, entre outros, pacifistas, o que não era unanimidade entre os *anarco-punks*, como por exemplo o grupo *Class War* ou a banda *Conflict*. É nesta época também que surge o *hardcore* mais como uma nova sonoridade, mais rápida e agressiva que o *punk rock* e com temáticas mais politizadas, ou seja algo mais ligado ao lado cultural. Mais tarde, no Brasil, *hardcore* se torna também um sinônimo de postura, uma reafirmação da identidade *punk*, nos anos 80 foi uma resposta à *new wave*⁹, posteriormente uma resposta a maior politização e menor preocupação com os aspectos culturais, como veremos mais adiante. Uma outra vertente que apareceu a essa época na Inglaterra foi a *street punk*, mais como uma resposta à suavização da *new wave*, e com uma proposta de revitalização do *punk rock*, sem uma politização ou uma tática de esquiva como as outras vertentes, mas sim um resgate. Esse processo de politização ocorreu nas cenas *punks* de diversas partes do mundo.

⁸ Class War: Movimento cultural, político-social dos anos 80 de caráter anarquista e ativista, composto em sua maior parte, por jovens punks.

⁹ New Wave: som leve, criado e voltado para o mercado musical, como uma versão suave, dançável e domesticada do *punk rock* com temas leves e cotidianos.

1.2 PUNK NO BRASIL

No Brasil, os primeiros rumores sobre o movimento *punk* datam de fins dos anos 70, os primeiros contatos de jovens da época se deram através de poucos artigos de jornais e revistas especializadas em música ou moda (como a revista *POP*), muitas vezes equivocados, havia uma grande escassez de informações, mas jovens suburbanos de São Paulo, onde surgem as primeiras bandas punks brasileiras, já conheciam bandas precursoras, possuindo discos ou fitas K7 de grupos que não eram muito comuns de se ouvir em rádios. Um dos pioneiros a divulgar o *punk rock* no Brasil foi Antônio Carlos Senofante (1955-2017), conhecido pelo nome artístico: *Kid Vinil*, que trabalhou como radialista na rádio *Excelcior*, onde fez um piloto sobre *punk rock* e *new wave* a partir de 1979.

O contexto sócio-político brasileiro tinha pontos em comum com o da Inglaterra:

O Brasil, país “terceiro mundista” sofria os reflexos da crise mundial gerada pelas grandes potências: inflação, dívida externa, arrocho salarial, desemprego, opressão à classe trabalhista. A Ditadura Militar ainda pairava em solo nacional sob o comando do último general, João Batista de Figueiredo. Todas essas formulas irão engajar no sentimento de cada um desses jovens, que irão assimilar com o punk o seu conceito de revolta sobre os problemas do cotidiano. (TEIXEIRA, 2007, p. 56)

As primeiras bandas brasileiras aparecem na capital paulista foram: *Restos de Nada* (1977), *A15* (1978-79), *Condutores de Cadáver* (1978) e *Cólera* (1979), tendo o primeiro *show* acontecido em 1978, com algumas dessas bandas.

O cenário punk paulista se desenvolveu, inicialmente através de ações de gangues, divididas territorialmente (principalmente punks da *city* – São Paulo e da região do ABC) e sem posições ideológicas definidas, causando, muitas vezes, brigas e atos de vandalismo, embora tenham sido feitas tentativas de união, como a realização do primeiro festival *punk* nacional, *O Começo do Fim do Mundo*, com bandas de São Paulo e ABC em novembro de 1982. Porém já havia uma pequena parcela de integrantes de gangues que

buscava informações e uma posição politizada, alguns começaram a se corresponder com *punks* do exterior, foram formando bandas, editando *zines*¹⁰ e, aos poucos, foi-se reconhecendo o caráter contracultural e anárquico do *punk*, principalmente por parte de *punks* da região do ABC paulista, região que “[...]ficou conhecida mundialmente pelo cenário de crise política e social que desencadeou no final da década de 70 inúmeras greves, confrontos e reivindicações sindicais e operárias contra o governo militar.” (Teixeira, p.79). As bandas da região do ABC eram *Ulster*, *Passeatas*, *Hino Mortal*, entre outras. A região teve uma das maiores gangues *punks* de São Paulo, a *Anjos do ABC*, que se envolvia com a luta sindical, tendo participado de manifestações de greves de professores e de operários, defesa dos direitos da mulher, etc., teria sido a primeira a introduzir o anarquismo na cena *punk* de São Paulo, em um período em que livros anarquistas e informações sobre o próprio movimento não circulavam com facilidade.

Em pouco tempo o *punk* aparece em outras cidades brasileiras, inicialmente em grandes centros urbanos, em Brasília contesta-se o aparecimento simultâneo ou anterior ao de São Paulo através de garotos de famílias mais abastadas, acontece o *I Encontro Punk do Rio de Janeiro* em 1982, mesmo ano em que a bandas *Coquetel Molotov*, *Eutanásia* e *Descarga Suburbana* se apresentam com bandas paulistas no Rio. Uma das primeiras pesquisas acadêmicas do Brasil é a tese de doutoramento da antropóloga Janice Caiafa pela UFRJ, “*Movimento Punk na Cidade – A invasão dos bandos sub*”, pesquisa elaborada no período entre 1983 e 1985 (19 meses de campo), sobre os primeiros *punks* cariocas.

É importante notar que o *punk* começou ligado à música e comportamento, o *punk rock*, e posteriormente foi se tornando um movimento sócio-político, artístico e cultural de contestação, porém não de forma generalizada, pois o *punk* não é algo estático e homogêneo, podem haver diferentes visões e atuações nas mesmas ou em diferentes regiões (em muitos

¹⁰ Zine: abreviação da palavra “*fanzine*”, que literalmente significa: revista do fã, retirada da palavra “fan” além de abreviar, retira seu caráter idolátrico. É o termo mais usual entre os *punks* brasileiros.

casos diferentes facções do *punk* não tem engajamento político). Na cidade de João Pessoa-PB, como em outras cidades nordestinas, o conhecimento e a identificação com a cultura *punk*, se inicia pelo mesmo caminho (musicalidade), não custando a assumir um caráter de movimento sócio-político e cultural.

1.3 ANARQUIA NA PARAÍBA

Sobre a ocorrência dos primeiros *punks* na cidade de João Pessoa-PB, os trabalhos escritos são bem escassos. Um dos principais trabalhos que faz uma pequena investigação histórica é a monografia “*Partidários do anarquismo, militantes da contracultura: um estudo sobre a influência do anarquismo na produção cultural anarco-punk*” defendida em 2004 pelo sociólogo Yuriallis Bastos no curso de Ciências Sociais pela UFPB.

Neste trabalho o autor faz entrevistas com *punks* da época, em que uma entrevistada de pseudônimo Elbára, recorda o aparecimento dos primeiros *punks* em 1984.

[...]as primeiras informações sobre o “som” (a música), a cultura e movimento punk chegaram nesta cidade a partir de meados de 1984, sendo trazidas por um rapaz que fazia viagens a São Paulo, conhecido pelo apelido “Papel”, que era baterista de uma banda pessoense desta época chamada *Restos Mortais*[...] (BASTOS, 2005, p. 339)

A banda *Restos Mortais*¹¹ na verdade não era *punk* mas sim uma banda de *crossover*¹², em entrevista com o *anarco-punk* Renato¹³ o mesmo afirma:

[...]nesse período, a *Devastação* já tinha contato com algumas pessoas de João Pessoa, com a banda *Restos Mortais* e com um outro pessoal lá que fazia um som próximo ao punk, assim, eles se diziam punks mas há controvérsias[...] (Entrevista Renato Maia, 27 de Abril de 2017).

O livro: “*O Rock Paraibano nos Anos 80*” por Fábio Queiros de Medeiros, mostra que a banda ainda não existia em 1984, mas que foi formada em agosto de 1986.

¹¹ Zine: abreviação da palavra “*fanzine*”, que literalmente significa: revista do fã, retirada da palavra “fan” além de abreviar, retira seu caráter idolátrico. É o termo mais usual entre os punks brasileiros.

¹² *Crossover* ou *crossover trash*, mistura do *hardcore punk* com o *trash metal*. Existente desde a década 1980.

¹³ Renato participou/participa das seguintes produções: *Descarga Violenta*, *CCS*, *Intimo Punk* *Estraçalhado*, *Gupo @FIM*, *Boas Novas Records*, entre outras.

Ainda segundo a entrevistada de Bastos (2006), as primeiras bandas punks paraibanas teriam surgido em 1985, com a banda *Disunidos*¹⁴, há diferentes informações em relação ao ano de início da banda. Neste período inicial a movimentação *punk* pessoense era mais restrita a musicalidade e cultura, o uso do visual *punk*, organização de shows, *points* (pontos de encontro) divulgação de materiais (algumas pessoas que iam ao Sudeste traziam discos de bandas punks, como *Começo do Fim do Mundo*, *Cólera*, *Inocentes*, *Ratos de Porão*, etc.). Também foi importante o programa de rádio *Jardim Elétrico*, que ajudou a divulgar bandas punks em sua programação.

Há também uma outra versão sobre o aparecimento dos primeiros punks em João Pessoa, segundo Araújo (2010) suas tias e sua mãe comentavam sobre dois jovens moradores do bairro do Roger:

Minha mãe e minhas tias, quando lembravam seus tempos de adolescentes, sempre me falavam de dois irmãos chamados Nildo e José que moravam no mesmo bairro do Roger em João Pessoa-PB no início dos anos 80. Elas diziam que os dois eram meninos quietos até que um dia foram viver na cidade de São Paulo e, após um tempo, voltaram de lá “punks”: cabelos vermelhos; muito magros; cheios de “pregos” e alfinetes na cara; roupas rasgadas e sujas. A palavra punk era pronunciada quase que com nojo por elas. (ARAÚJO, 2010, p.10)

Araújo (2010) afirma ainda que algumas pessoas, além de seus familiares, relataram a presença de punks no bairro do Roger entre os anos de 81 a 83.

Os primeiros contatos de punks pessoenses com o anarquismo foi através de estudantes anarquistas da UFPB, fundadores do *Núcleo Pró-C.O.B.* (Confederação Operária Brasileira). De acordo com o professor e *anarco-punk* Rogério Nascimento¹⁵ no texto: “*Anarco-Punks no Nordeste*”, este contato aconteceu em 1986, quando integrantes do *Núcleo Pró-C.O.B.* foram a um

¹⁴ De acordo com o livro: “O rock paraibano nos anos 80” a banda Disunidos foi iniciada em 1987, passando por diversas formações até encerrarem suas atividades já nos anos 90, gravaram algumas domotapes caseiras que tocavam na rádio Universitária FM, na programação Jardim Elétrico. Recentemente a banda voltou à ativa mas pouco tem a ver com a Disunidos dos anos 80.

¹⁵ Anarco-punk integrante da banda C.U.S.P.E. (Com União Somos Potência Extrema), primeira banda punk de Campina Grande-PB e atuante também na cena de João Pessoa. Esta banda, segundo relatos, também teria sofrido críticas dos punks hardcore, mas não nas mesmas proporções da banda Discarga Violenta de Natal-RN.

evento com bandas *punks* e conheceram integrantes da banda *Devastação*¹⁶, que ficaram sabendo através do programa de rádio semanal, *Jardim Elétrico*¹⁷, programa que divulgava bandas do circuito *underground* (*metal, punk e hardcore*) de João Pessoa. A partir daí passaram a ter um contato frequente e fundaram o *Coletivo Anarquista de João Pessoa* em 1987, que mais tarde se dissolveu e os *anarco-punks* fundaram o *M.A.P.* (Movimento Anarco-Punk) de João Pessoa em 1991.

Houve também uma organização chamada *MANN* (Movimento Anarquista do Norte e Nordeste) que *anarco-punks* de João Pessoa-PB estiveram envolvidos. Quando foi fundado o *MAP* na Paraíba, já existia um contato e integração entre *punks* e *anarco-punks* de diferentes estados do Nordeste como observa Renato ao recordar seus contatos iniciais:

[...]e aí nós fomos num evento lá, em Recife na verdade, e lá eu encontrei dois punks de João Pessoa, era um cara da *Disunidos* e outro da *Desertores SS*¹⁸, e aí a gente trocou endereço, tal e começamos uma correspondência bem constante mesmo. Nessa época eu tocava numa banda chamada *Revoltados* e a gente combinou de eventos e tal, aí a *Revoltados* acabou logo e a gente já tinha formado a *Discarga Violenta*¹⁹ também. E aí começamos, a gente organizava eventos aqui, eles vinham, eles organizavam lá a gente ia também, começou um intercâmbio bem intenso nesse período, assim, e com Campina Grande também né, não era só João Pessoa, era Natal, Campina... e isso, posteriormente, surgiu um embrião de uma federação, assim, quando a gente começou a se organizar nos *MAP's* né, nos núcleos do movimento anarco-punk, e os contatos ficaram bem mais estreitos[...] (Entrevista Renato Maia, 27 de Abril de 2017).

Os contatos eram via cartas e viagens, desta forma era possível trocar, divulgar e adquirir materiais (zines, discos, fitas, etc.), além de organizar eventos ou encontros a nível interestaduais, já que nesta época a internet não algo tão popular, rápido e acessível, como nos dias atuais.

¹⁶ *Devastação* foi uma das primeiras bandas punks de Natal-RN, já extinta.

¹⁷ Verificar documentário “Tá sentindo cheiro de queimado?”.

¹⁸ *Desertores SS* foi uma banda punk de João Pessoa-PB formada em meados de 1987, sua formação era: Washington (ex-*Disunidos*, atuante na cena punk até os dias de hoje) (baixo), Junior (guitarra e vocal), Beto primata (bateria).

¹⁹ *Discarga Violenta* é uma banda anarco-punk de Natal-RN, formada em 1988 bastante atuante na cena de João Pessoa nos anos 90. Passou por diversas formações, gravou e participou de diversas matérias. Atuante até os dias de hoje, será bastante citada nesta pesquisa, já que foi alvo de boicote dos punks hardcore.

De acordo com Bastos (2005) a fundação do MAP aconteceu depois que alguns anarco-punks de João Pessoa-PB assistiram uma entrevista feita com um grupo do MAP de São Paulo-SP ao programa “*Matéria Prima*”, apresentado por Serginho Groisman e transmitido pela *TV Cultura*. Este grupo divulgou uma caixa postal e, ao entrar em contato os *anarco-punks* de João Pessoa-PB puderam perceber que já tinham contato com alguns.

Outro fator que foi marcante para a movimentação *anarco-punk* da época, foi a fundação do *Centro de Cultura Social (CCS)* de João Pessoa, juntamente a várias entidades ligadas a arte, cultura e movimentos sociais, um grupo invadiu e ocupou o prédio abandonado “*Grupo Escolar Dr. Tomáz Mindello*” que posteriormente passou a se chamar “*Teatro Cilaio Ribeiro*”.

Renato relembra:

A história do CCS lá é bem interessante por que foi um período no início da década de 90 de muita intensidade de atividades dos anarco-punks, no Brasil todo e principalmente aqui no Nordeste. Era muita participação nos movimentos sociais e aí, algumas entidades do movimento social estava ocupando um espaço lá em João Pessoa, e eles tentavam que o governo cedesse uma estrutura pra... e o governo nunca cedeu, então eles resolveram ocupar e convidaram algumas entidades que estavam em evidencia na cidade: Movimento Negro, Capoeira, Musiclube, Movimento de Meninos e Meninas de Rua, a Federação Paraibana de Teatro Amador, várias entidades, e entre elas chamaram o MAP. Só que aí colocaram uma restrição em relação ao nome “anarco-punk” por que poderia criar alguma celeuma de repressão com o governo e tal. Aí o pessoal resolveu, na época, criar um nome fictício, a princípio, seria Centro de Cultura Social em homenagem ao pessoal de São Paulo né, o CCS de São Paulo, mas o MAP continuaria se articulando lá dentro. (Entrevista Renato Maia, 27 de Abril de 2017)

Aqui percebemos que utilização da memória é uma importante questão nesta pesquisa histórica, que é mostrada na rememoração do passado através das falas nas entrevistas. Estando a memória atrelada a construção da identidade, do indivíduo e do grupo, é a memória que registra a identificação dos sujeitos históricos com sua inserção no espaço e, a partir dessa identificação, com as relações estabelecidas entre si e com o outro.

Haviam diferentes grupos anarquistas e anarco-punks no CCS, Coletivo Insubmissas, Reação Anarquista, o NAL (Núcleo de Ação Libertária),

todos livremente associados. Para Woodcock (1984, p.35): “A livre e flexível afinidade de grupo é a unidade natural do anarquismo”. Havia reuniões para diversos fins, organização de palestras, debates, mostra de materiais, biblioteca, gig’s²⁰, alojamento para *punks* e *anarco-punks* de outros estados ou países. A seguir a imagem do prédio que foi um espaço importante para o *punk /anarco-punk* paraibano:

Figura 1: Prédio do Grupo Escolar Thomas Mindello/Cilaio Ribeiro, centro de João Pessoa-PB.



FONTE: Arquivo Pessoal Yuriallis Bastos

Em meados de 1993, os integrantes do NAL saem do CCS, segundo BASTOS (2005), em parte por rixas pessoais e sobretudo por rixas ideológicas, logo após a saída deste grupo ingressou outro chamado *Reação Anarquista* (RA). A partir daí é iniciada uma nova fase no movimento *punk* desta cidade. Na imagem a seguir integrantes do NAL e do RA no *point*²¹ do viaduto antes da ruptura:

²⁰ Gig: é concerto/evento, não apenas musical dos punks, além de apresentação de bandas podem haver recitais poéticos, mostra de vídeos, apresentações teatrais ou circenses, etc. Pode-se referir tanto no termo masculino “o gig”, quanto feminino “a gig”.

²¹ O Ponit é o lugar de encontro dos punks. Onde circulam materiais: (zines, discos, buttons, patches, camisas, correspondências, etc.), onde se bebe, onde se discute sobre temas relevantes para o movimento, onde se ouve som, etc. Geralmente marca-se pelo menos um dia da semana um encontro

Figura 2: Point do viaduto, centro de João Pessoa



Fonte: Arquivo Pessoal Yuriallis Bastos

Na próxima foto, um momento do movimento *punk/anarco punk* no Cilaio Ribeiro, ao lado esquerdo, uma banquinha com uma caixa térmica, para a venda de bebidas nos eventos, uma forma de arrecadar fundos para autogerir o espaço, esta prática ainda é usual entre os *punks* na Paraíba nos dias atuais. Na fotografia, estão integrantes de diferentes bandas: *Aberração Sonora* (banda composta por garotas), *Discarga Violenta*, *Carcará Core*, *Etron Sadiv*, *Escória Fúnebre*, etc. A fotografia é de antes do racha, após um *gig*. Um

em algum lugar público (praças, esquinas, etc.). Os Points podem, ou não, ter dia e lugar fixo. É mais uma prática característica dos punks desde o início do movimento no Brasil, em suas diferentes facções e localidades. Na João Pessoa dos anos 90 haviam diferentes Points: do viaduto, Praça da Independência, Centro Histórico, etc.

“Surgindo dentro de uma realidade de integração, os Points, como assim são chamados e conhecidos os locais de encontro e reunião de Punks, exerceram seu valor definitivo dentro da convivência da cena, aliás, não é ousado afirmar que de sua efervescência orienta-se uma cena bem característica. São os Points que atravessam gerações e *inesgotam-se* em seu valor *coletivador* de ânsias, vontades. Absolutamente tudo que um Point se propõe, distingue-se pelo isolamento dos grandes meios, aonde todos aqueles jovens agrupam-se eclodindo de todos os pontos da cidade, subúrbios e das mais longínquas periferias.

Os Points são locais predestinados a concentração e referencial, geralmente por sua localização ou por vezes não. Ele tem o poder de estabelecer-se sob qualquer circunstância e não é com dificuldades que podemos vê-lo, ora integrado a um quadro urbanístico (desenvolvido de grandes centros urbanos), ora em uma extremidade esquecida da cidade, o subúrbio, aonde a miséria não se traveste e a vida tem sabor mais amargo. De onde também o Punk emerge, numa ascendência *contra-cultural* espantosa por vezes. Não importa, o Point é a vitalidade do Punk, *transgride* e molda a realidade ao seu conteúdo.” (RUPTURA, 1995, p. ?)

dos *punks* segura a camisa com estampa da banda *Descarga Violenta* (*anarcho-punk*) e outro está vestido com a camisa da banda *Agente Laranja*, mais tarde pessoas destas bandas citadas e algumas pessoas que estão nesta fotografia romperam:

Figura 3: Cilaio Ribeiro, 1994, momento de confraternização.



Fonte: Arquivo Pessoal Yuriallis Bastos

CAPÍTULO III

2. PUNKS HARDCORE NOS ANOS 90: IDENTIDADE DE RADICALISMO

“É o *hardcore*, o extremo da simplificação e aspereza” (CAIAFA, 1989, p.33). O termo “*hardcore*” significa literalmente “*núcleo duro*” ou “*caroço duro*” que é a tradução mais aceita pelos *punks*, de acordo com o que já pude observar em diversos zines, mas a palavra que é mais usual é *hardcore* mesmo. Um termo em português que pode ser associado no sentido “*hardcore*” é “*casca grossa*” (incivilidade, grosseiria). A palavra que foi adotada pelos *punks* nos fins dos anos 70 e início dos 80, já era usada, e ainda é, pra designar uma versão extremada de algo, também foi utilizada para se referir até mesmo a criminosos. Como a própria palavra “*punk*”, percebe-se que não tem reverência a algo dócil, fácil de lhe dar ou positivo, mas sim sinônimo de radicalismo e agressividade em relação ao *punk rock*, com sua morte anunciada pela mídia e, principalmente, em relação ao *new wave*. Agora, nesse contexto, o *hardcore* é a resistência extrema.

Craig O’Hara (2005) utiliza o termo apenas como um sinônimo para o punk que, segundo ele, foi inventado nos Estados Unidos no começo dos anos 80: “[...] a música *hardcore* é em geral mais rápida do que a música punk dos anos 70, mas as idéias e pessoas envolvidas são as mesmas.” (O’Hara, 2005, p. 22) Neste mesmo país, principalmente sul da Califórnia surge uma cena *punk* mais extrema em relação a anterior, tanto na sonoridade quanto no comportamento, as principais bandas eram *Black Flag*, *Dead Kennedys* etc. Em Washinton DC destacam-se as bandas *Bad Brains*, *Minor Theat*, etc. Visualmente, os *hardcore* americanos eram menos agressivos, talvez influenciados pelo *skate* e *surf* que fizeram parte daquela cena e também a oposição a típica imagem do *punk vandalo*, anti-social e *junkie*²².

Já na Inglaterra Home (1999) afirma: “[...] *Adam and the Ants* eram seguidos pelo que depois se tornaria a facção gótica, os *UK Subs* pela futura facção *hardcore*, e o *Crass* pelos anarco-punks[...]. (HOME, 1999, p.129). O que muitos consideram como marco inicial é o lançamento do EP “*Realities of*

²² Junkie ou junky: pessoa dependente de drogas.

war” da banda inglesa *Discharge*, seguiram-se bandas como *Disorder*, *Chaos UK*, *Varukers*, entre outras. Logo o *hardcore* se expande por toda a Europa: *Anti-Cimex*, *Shitlickers* (Suécia), *Rystetiit*, *Kaaos*, *Rattus*, *Tarveet Kädet* (Finlândia), *Eu’s Arse* e *Wratched* (Itália), *Upright Citizens*, *Vorkiegsjugend* (Alemanha) são alguns exemplos. Diferente do *hardcore* americano, nota-se que na Europa o radicalismo do *punk* acentua-se não apenas na (anti)música, mas também o visual dos *punks* se torna mais agressivo: os cortes de cabelo bem mais arrepiados, longos e espetados, os arrebitos e o preto predominam nas jaquetas de couro, esse é o visual influencia bem mais o *punk* brasileiro e o *punk hardcore* pessoense nos anos 90, como pode-se notar nas fotografias a seguir. Podemos perceber que a pessoa que captou as imagens quis mostrar justamente o visual desses *punks*, a predominância do negro (caraterista do existencialismo. Para uns individualidade e negação. O uso do negro para os *punks* anarquistas é em reverência à bandeira negra do anarquismo) com seus cintos, jaquetas arebitadas, cabelos descoloridos ou espetados, além dos *patches*²³ com referencias a diverssas bandas. De maneira indireta, o que a fotografia também nos mostra é o *punk* como uma cultura de rua, não só esta como a maior parte das fotos a que tive acesso dos *punks hardcore* de João Pessoa, os mostra ocupando espaços públicos, uma das características deste movimento urbano em todo o mundo:

²³ Patch (patches no plural): significa remendo, são geralmente pedaços de tecido com logotipos de bandas, desenhos ou frases de protesto, costurados ou pregados às roupas. Também são utilizados por headbangers e adeptos de outras vertentes do metal.

Figura 4: *punks hardcore* no bairro Mangabeira, 1996, João Pessoa-PB



Fonte: Arquivo Pessoal Alecsandro de Medeiros.

Figura 5: *Punks hardcore* no *point* do viaduto, centro de João Pessoa, 1998.



Fonte: Arquivo Pessoal Alecsandro de Medeiros

Na fotografia acima, um *punk hardcore* de João Pessoa-PB, um de Recife-PE e outro de Feira de Santana-BA, estes dois últimos participaram de

um projeto/banda chamada *Disacusia*²⁴. Isso mostra as relações das cenas a nível interestadual, também foram organizadas gig's em que vieram bandas de outros lugares do Brasil, como a *Desastre* de Goiania-GO, por exemplo, e até mesmo da Europa, segundo relatos, uma banda irlandesa chamada *Puget Sound*.

[...]trouxe, o Puget Sound lá da Irlanda né, ficaram hospedados, mais ainda, a gente alugou uma casa sabe aonde? No bairro São José, os caras ficaram apavorados porque mataram outro bicho por causa de uma lata de cola na frente né, os caras *tavam* apavorados, *os bicho* do Puget Sound né, aí tocamos lá onde era, em João Pessoa ali no, como é? O café ali, aquela parte do Centro Histórico né. Botamos um *palcosão* do caralho, gigante tá ligado? Inclusive *tamo* devendo esse som até hoje tá ligado? o aluguel do som [...] (Entrevista Derek Costa²⁵, 14 de Julho de 2017).

Quanto ao visual (indumentária), a sua própria confecção (faça você mesmo) e as práticas adotadas pelos *punks* são representações que personificam sua identidade, tendo em vista que estão presentes no cotidiano desses grupos em diversas partes do mundo e em diferentes épocas, embora hajam particularidades locais e temporais. A caracterização das vestes lhes confere suporte de existência, lhes dando localização estética. São práticas e signos que são construídos para manter a coesão e identificação do grupo. São as formas discursivas e imagéticas pelas quais representam a si mesmos, através do compartilhamento de valores bem definidos.

É importante deixar claro que o *anarco-punk* também apropria-se da sonoridade *hardcore*, como uma expressão do *punk*, o visual e outros vários elementos em comum. Este outro grupo que emerge em João Pessoa nos anos 90, e em outras cidades do Brasil, utiliza o termo para identificar-se, dando-lhe uma resignificação nas propostas e práticas culturais.

Sonicamente o *hardcore* também é mais agressivo que o *punk rock*, as músicas ainda mais curtas e ainda mais rápidas, uma tática, uma esquivo criada pelo *punk* contra as investidas da mídia fonográfica para domesticá-lo,

²⁴ Disacusia: banda/projeto com integrantes de diferentes estados. A palavra "disacusia" é um estado mórbido em que certos sons produzem distúrbio da audição, dor ou mal-estar.

²⁵ Derek (): Nos agradecimentos da demotape da Turmentego é assim que seu nome aparece, seguido de parênteses vazios. Participou: CCS/NAL; bandas/projetos: C.U.S.P.E. - Campina Grande-PB, Discarga Violenta e Câmara de Gás – Natal-RN, Etron Sadiv, Dismal e Tumor no Cu – João Pessoa, todas de 1988 a meados dos anos 2000. É considerado o primeiro punk de Campina Grande, atualmente está na ativa.

torná-lo uma moda vendável e consumível. No Brasil, embora o termo ainda não fosse utilizado no início do *punk* as bandas já tinham o ritmo bem mais acelerado que o típico *punk rock* e uma temática que abordava problemas como injustiças sociais, desemprego, repressão policial, guerras, etc., nada a desejar em relação ao *hardcore* estrangeiro, e sem dúvidas, essa primeira geração influenciou as posteriores. A antropóloga Janice Caiafa define:

O mínimo *punk* aqui é quase nada: o instrumento é o rangido, o vocal é o grito, cada música são segundos. É não tocar, não cantar: anti-música. Só o atrito [...] Do *hardcore* não há o que aproveitar, não há como domesticar tanto atrito. O perigo para o *hardcore* enquanto núcleo de resistência é menos ser absorvido do que provocar sua própria destruição. (CAIAFA, 1989, p.124).

É Caiafa (1989) também que, no Brasil, apresenta o *hardcore* como uma identidade de resistência e radicalismo além do som, em que um grupo de *punks* utiliza símbolos como o “HC”, com estas letras dentro de um círculo, o “núcleo *hardcore*” como a autora define:

Usa-se também o “MHC” (Movimento Hard Core) para indicar que se é *hard core*. Como se denominam diretamente por vezes, embora seja raro, a denominação genérica é mesmo “punk”. Por essa época contudo, por volta de agosto de 84, ostentar esses símbolos e optar por esse som tornou-se muito expressivo e definidor mesmo de uma posição dentro do bando. Os “radicais” começam a ficar mais juntos entre si no *point* e mais longe dos outros. (CAIAFA, 1989, p.126)

No contexto referido, uma grande parte dos *punks* estava frequentando boates e danceterias onde se ouvia e dançava *new wave*, a que muitos estavam aderindo e deixando o visual *punk*, e vários haviam “sumido” do *point*, inclusive todas as “*minas*”.

A autora faz uma análise do símbolo “HC”, e também mostra que os *punks hardcore* desta época no Rio de Janeiro utilizavam o símbolo “MHC”, como podemos observar nas imagens a seguir, no símbolo no canto inferior direito das fotos, dentro de um círculo com uma pequena divisória existe a letra “M”, a mesma letra cortada por uma seta, formando assim, um “H”, o círculo, representa a letra “C”, este signo é uma representação imagética do Movimento Hard Core:

Figura 6: Gesto negro, sinal de ataque e banda Desgaste Mental, 1984.



Fonte: Livro: “Movimento Punk na Cidade: a invasão dos bandos sub”.

Alguns acreditam que o *hardcore* teria na verdade um sentido de resgate do radicalismo do *punk* como mostra Durier (2016), pessoalmente acredito que tem um sentido de esquiva e de reinvenção do *punk* como sonoridade e identidade, ao invés de um resgate comportamental e cultural, chegando, em alguns casos, até mesmo a negar o que ficou conhecido no meio *punk* como “77”²⁶:

Posteriormente, com o surgimento do *hardcore* (que chegou ao Brasil por volta dos anos 1980 [1984-85]) enquanto um novo som, mas que havia sido assimilados por alguns/algumas *punks* como um novo *ethos* (cujo enfoque se dava nos aspectos culturais e não políticos do movimento), que buscava o que eles/elas, os/as *punks* que mais tarde assumiriam a postura *punk hardcore*, chamam de o “resgate à raiz do movimento” *punk* que à época vinha sendo deixada de lado por conta da chegada da *new wave* e da apropriação do *punk rock* pela indústria fonográfica. (DURIER, 2016, p. 39)

Mais tarde, já nos anos 90, um grupo cria um outro símbolo, bastante parecido, o NHC (Núcleo Hard Core). Do Rio de Janeiro, porém em um outro contexto. Os *punks* *hardcore* de João Pessoa tinham contato, por correspondências e pessoal, com membros do NHC e bandas como as *noise core*²⁷ *Anti-Timpanos* e *Hecatombe Nuclear*²⁸.

²⁶ 77: Referência a fase inicial do punk (1977), ou simplesmente o punk rock.

²⁷ Noisecore: noise é estilo (anti) musical que utiliza sons considerados desconfortáveis, noisecore é a junção deste som com o *hardcore*. Este, e outros gêneros ligados ao *hardcore*, tem como símbolo uma clave musical cortada.

²⁸ Bastos (2005, p.356) afirma que alguns *punks* do NAL, tinham contato com uma gangue de “*punks* *niilistas*” do Rio de Janeiro chamada “*Ekatomb*”, e que corriam rumores de que os *punks* do NAL “[...]atendiam inclusive a apelos da *Ekatomb*, no sentido de distorcer e difamar a ideologia e a postura mais social de atuação dos anarco-*punks*. E também de que alguns boicotes feitos pelo N.AL. em *gig*’s

A relação era mais assim, de ideologia, a aproximação assim dos meios, dos contatos com as pessoas, e aí onde gera aquelas informações de boicote, entendeu? De neguinho já tá boicotando fulano e tal, vamo boicotar também e tal, aquela coisa que vem assim né, vai vindo influenciando, aí a gente tá aqui e tal, recatado mais quietinho, aí os caras vem e pá... não meu irmão, tem que boicotar os caras, porque os caras tão... aí termina a gente boicotando também, depois a gente vai refletir direitinho e tal, não tinha nada a ver com a região. Lá é coisa deles lá, foi briga deles que começou a generalizar né, um boicotando o outro, boicotando o outro, grupo boicota grupo, isso termina criando gangue né, vira facção né, fulano tem uma ideologia, não vamos trocar ideia com ele, a ideologia dele é outra, mas a ideia não é essa né. (Entrevista Sérgio Costa²⁹, 9 de maio de 2017).

Em formato de zine,o Boletim Periódico do Núcleo Hardcore-RJ, Junho/Julho de 1995, intitulado “Rptura” tráz, na contracapa, o simbolo do NHC:

anarco-punks, como um que fizeram contra a Discarga Violenta (Banda anarco-punk de Natal-RN) em João Pessoa, em 1996 (provocando inclusive uma grande briga que envolveu punks das duas tendências, seus respectivos simpatizantes e anarquistas do grupo Reação Anarquista), eram determinações da Ekatombe cumpridas pelo N.AL.[...]”. Ao indagar alguns entrevistados sobre este fato, os mesmos disseram que, na verdade o contato que os punks do NAL e os punks hardcore tinham era com a banda Hecatombe Nuclear que teria, inclusive, gravado um Split com a banda pessoense Agente Laranja. Nas sub divisões do punk carioca dos anos 90, haviam coletivos como UPI (União Punk Independente), Punk Hecatombe e outros além do MAP. Em anexos, um cartaz com as bandas cariocas Hecatombe Nuclear e Anti Timpanos.

²⁹ Sergio: vocalista das extintas bandas/projetos Lixo e Tumentego (que tinha suas letras gravadas em Esperanto, lançaram uma demotape de divulgação restrita em 1997, tendo seu fim logo após. Suas letras falavam sobre guerras, sistema carcerário, religião, etc. Integrantes: Sérgio (vocal), Marcelo (bateria) e Jaison (guitarra). Uma de suas músicas traduzida: Aero Venena (Ar Venenoso) O ar venenoso/ Castiga toda a vida em/ Todo o planeta terra/ Efeito nuclear não/ Permite vida posterior/ Corpos em decomposição/ Desfilam no palco da morte. (tradução: zine Marginal Survival).

Figura 7: Símbolo do NHC



Fonte: Ruptura, 1995

Reforço a utilização de fanzines (zines) como fonte historiográfica para o entendimento deste assunto pelo motivo de que, a sua percepção como documento e representação, contribui para que seja feito um resgate das histórias de vidas desses sujeitos, e traz a percepção da capacidade de viver conscientemente experiências significativas para a construção da identidade.

O Núcleo Hardcore-RJ (1994) era formado por ex-integrantes do *Movimento Anarco Punk-RJ*, afirmavam ser a “resistencia que o MAP negou”. “Nosso afastamento deu-se por vias diverssas, em todo caso uma só conclusão foi viabilizada: o MAP não possui mais condições de prosseguir com o trabalho cultural no RJ.” (RUPTURA, 1995, p.?).

Trazendo como proposta o desempenho de um trabalho estrutural do movimento, e comprometidos com a vivencia *punk*, e “não teoricamente Anarco Punk”, trazendo claramente a informação de uma ruptura com o MAP e uma reestruturação do sentido e significado de ser *punk*. Posteriormente surgem “núcleos hardcores” em diversos estados do Brasil. Segundo relatos, o de João Pessoa era o RHC - Resistência Hard Core.

É no mesmo período que se manifestam as tensões, divergências pessoais, ideológicas e de posturas identitárias entre punks e anarco punks no CCS de João Pessoa, segundo Bastos (2005), entre o fim de 1993 e início de 1994. No período que o mesmo chama de “guerra de posturas”, o autor se utiliza

das próprias memórias, já que o mesmo fez parte do grupo RA (Reação Anarquista) e do CCS, e pelas dificuldades que o mesmo encontrou de colher depoimentos. Sobre essas divergências o autor afirma:

Em geral, estas guerras de posturas internas do movimento punk do Brasil ocorrem, como já explicitado neste trabalho, devido a divergências político-ideológicas e identitárias acerca da postura de atuação que deve ser adotada pelo movimento punk e por cada grupo e militante em particular. (BASTOS, 2005, p.356)

O autor faz, ainda comparações a outras cenas, e relata que os atritos ideológicos entre os *anarco-punks* e os *punks* do NAL que faziam parte do CCS, foram acirrados por desavenças pessoais, segundo o mesmo, houve uma tentativa frustrada de retorno algum tempo após a saída do grupo do CCS, agravando ainda mais as divergências. Esses atritos chegaram a afetar não só a cena *punk*, mas toda a cena *underground* de João Pessoa.

[...] já havia uma certa visão dessa turma do NAL em relação ao punk que contrastava com o que o CCS acreditava, a visão anarco-punk do CCS, e essa juventude simplesmente, do dia pra noite, criou uma bandeira, fez-nos escravos dessa bandeira, colocou-nos como traidores e etc. do movimento [...] a saída do NAL acarretou uma separação, digamos assim, também na cidade de João Pessoa, onde pessoas que não eram punks tiveram que tomar um certo partido [...] (Entrevista ZK³⁰, 11 de Maio de 2017).

Um dos integrantes do extinto grupo NAL também me concedeu entrevista e falou a respeito:

A questão é o seguinte: politicamente correto, os politicamente correto e os outros que *tavam* né, com a questão diferencial né, no fim das contas a gente, os caras diziam até que o som da gente era barulhento, dentro de um espaço que né. Até cito alguns nomes assim, Berg, Berg mesmo era um anarquista tal, tá ligado, sei o que lá, mas ele tinha mais percepção, as vezes mais do que os próprios punks, que era na verdade anarco-punks né, pá, num sei que lá, que não tinha essa percepção de perceber a diversidade e possibilidade de ideias, tá ligado? (Entrevista Derek Costa, 14 de Julho de 2017).

Sobre a postura que esses *punks hardcore* ficaram conhecidos, eram geralmente chamados de niilistas, pessimistas, “anti-sociais” ou apenas reais/verdadeiros punks. Durier (2016) afirma que a rigidez política foi

³⁰ Zk: participou do CCS/RA, Borrachos Producciones, das bandas Arriba los Borrachos, Inexistência Divina e Banquete dos Vermes (atual). Zines: A hora da Vingança e Pensamentos Peçonhentos.

disseminada junto ao anarquismo e a rigidez cultural, junto ao existencialismo.

O zine *Skeptc*³¹ n° 2, fala um pouco sobre esse assunto:

Não me choco em dizer que não proponho nada no campo social e político, não tenho o quê ou pra quem propor. Sou descrente de qualquer teoria de organização humana e ainda acho que a nossa civilização é um equívoco[...] Eu acho que o punk não deveria ficar querendo simplificar tudo, querendo tornar as coisas mais “acessíveis”, inclusive o próprio anarquismo[...] Por outro lado gostaria de expor quanto a um estigma que se criou quanto aos punks de J. Pessoa, de que “somos nihilistas”, ora, nós não “somos nihilistas”, não somos porra nenhuma, a não ser punks. E isso basta. Agora, possuímos simpatia e influência dos nihilismos[...] (Skeptc 2, 1998, p.?)

Anarquistas ou não, Nihilistas ou não... Somos PUNX e isso é o que mais amamos, nossa meta é nos manter vivos e resistentes no que acreditamos ser coerente a nós... (Marginal Survival n.2, 1998, p.?)

Neste período, é importante que se diga, que nem todos os *punks hardcore* dos anos 90 eram dissidentes do CCS, alguns não chegaram a fazer parte, como me foi relatado:

Não cheguei a me envolver não porque, infelizmente, eu acho que houve muitas coisas que poderiam ser evitadas né, a princípio poderia ser evitado. E, felizmente, como eu já tinha feito meu primeiro contato com os punk hardcore, como já falei aqui, e foi no dia que rolou a treta, eu fui englobado de uma forma que os anarco-punks, na época, achando que eu também era punk hardcore, nessa época eu nem me assumia, me esnobaram na época, ou então, onde passasse na rua era aquela hostilidade né. O que que eu ia fazer no CCS se eu tava sendo hostilizado? Não tinha o contato, não tinha com que conversar e muita gente *tava* me julgando, já sabendo meu vulgo né, e falando que eu fazia parte do punk hardcore sem ao menos nem conhecer a respeito, nem se assumia na época ainda, então era aquele clima hostil, onde passasse na rua era hostilidade. (Entrevista Alcsandro de Medeiros³², 12 de maio de 2017).

A “treta” (briga, na gíria dos punks) a que o entrevistado se refere é o embate físico que aconteceu na frente de um gig que ocorreu em meados de 1996 no Cilaio Ribeiro. Nessa ocasião, quando o mesmo ainda não se assumia

³¹ O autor/editor do Skeptc (zine de João Pessoa) foi integrante (baterista) das bandas/projetos: Lixo, Carcará Core, Turmentego e Agente Laranja.

³² Alcsandro (Pança) das bandas/projetos: Rastros de Ódio (Pança, Carlinhos, Bat Gut, M. Toka), Descontrole, Despreso. Zine: Massacre Total.

como punk, ele relatou que havia sofrido agressão de Carecas³³, e soube da presença de um Careca de Manaus em João Pessoa, por este motivo, foi pedir um apoio aos *punks*, ao chegar no Cilaio Ribeiro se deparou com uma confusão.

Já haviam ocorrido trocas de agressões³⁴, e vários momentos de tenção durante meses, mas esta foi a “grande briga”. Sobre esta, alguns entrevistados preferiram não falar, outros não entraram em detalhes e alguns preferem falar informalmente, enquanto que houve quem falasse em entrevista, não cedendo certos detalhes. No dizer de alguns deles este foi um “período traumático” para toda a cena *punk/anarco-punk*. Mas essas diferenças em relação a ceder ou não detalhes sobre este episódio, ou ceder apenas em parte é compreensível, levando-se em consideração que a fonte oral é produzida com intencionalidade.

Verena Alberti mostra que Hüttemberguer divide os vestígios do passado em *resíduos de ação* (pedaço de ação passada, ex. documento de arquivo) e *relatos de ação* (posterior a ela). Sendo que o *relato de ação* também pode ser considerado um *resíduo de ação*, ou seja, a fonte oral (relato sobre ação passada) é *resíduo da ação* passada que o autor quis desencadear ao fazê-la, sendo que neste tipo de fonte o entrevistador é também autor, pois conduz a entrevista, o entrevistador e o entrevistado tem ideias sobre seu interlocutor, um quer fazer que o outro fale sobre suas experiências, e o outro pode querer fazer com que seu relato seja entendido de uma maneira que o

³³ Carecas: Carecas do Brasil, Carecas do Subúrbio ou do ABC, uma facção do Skinhead (para entender a história e divisão do skinhead europeu verificar o documentário *Skinhead Attitude*), como são ultra-nacionalistas não usam o termo internacional, existem em diversos estados, inclusive, do nordeste. Os primeiros Carecas foram dissidentes do punk, surgiram na Zona Leste de São Paulo e ABC no início dos anos 80, ainda com uma política um pouco confusa, mas de caráter direitista, que foi se definindo com o tempo. Não são nazistas como o outro sub gênero *Skinhead*, o *White Power* (Poder Branco) ou *Boneheads*, aceitam negros em suas fileiras. Além de ultra nacionalistas, são ultra-conservadores, de direita, alguns integralistas, cultuam o físico, são contra uso de drogas - exceto cerveja, etc. Estão associados a diversos casos de violência, alguns de repercussão nacional, contra punks, mendigos, nordestinos, LGBTs, esquerdistas, etc., um dos mais conhecidos foi o caso dos garotos jogados do metrô em movimento, em que um veio a falecer e outro perdeu um braço, pelo motivo de estarem com camisas de bandas punks, em 2003, os acusados eram Carecas do ABC. Atualmente a grande maioria, se não todos, os grupos de Carecas e W.P. são conhecidos por apoiarem o Deputado Federal Jair Bolsonaro, fazendo sua recepção em vários estados do país. No Nordeste, geralmente utilizam a palavra “Carecas” seguida com o nome do estado, por exemplo: “Carecas do Ceará”. Para mais informações sobre sua história ver o livro: *Odiados e orgulhosos*.

³⁴ Segundo Bastos (2006) um gig chegou a ser interrompido devido a uma confusão em 1994. Cartaz em anexos.

pesquisador modifique suas convicções. Neste sentido, o entrevistador ter conhecimento sobre o tema da entrevista é essencial, pois surgem momentos em que é necessário contrapor informações para uma boa compreensão dos fatos. A entrevista documenta ações de constituição subjetiva de memórias. Portanto é preciso ver a fonte oral como “documento-monumento”, ou seja, um documento que carrega intencionalidade de perpetuação de memória em sua produção. Este caráter de monumento, é dado pelo próprio historiador ao entrevistado, como importante testemunha do passado que está sendo pesquisado.

A utilização da memória é uma importante questão na pesquisa histórica, que é mostrada na rememoração do passado através das falas nas entrevistas. Sendo base para a construção da identidade, do indivíduo e do grupo, é a memória que registra a identificação dos sujeitos históricos com sua inserção no espaço e, a partir dessa identificação, com as relações estabelecidas entre si.

Entre os atritos que aconteciam, os *punks hardcore*/pessimistas acusaram a banda *anarco-punk* Descarga Violenta de tocar com bandas *for fun*³⁵ de caráter nacionalista, informação também encontrada no trabalho de

³⁵ For fun (por diversão): expressão que caiu em desuso pelas novas gerações de punks, era bastante usada para designar o que os diferentes grupos punks consideravam como falsos punks, pessoas que se utilizavam da sonoridade e/ou da cultura punk sem compromisso com a mesma, reproduzindo em suas músicas vícios sociais rejeitados pelos punks dos diferentes grupos, como o machismo e/ou o sexismo por exemplo, e geralmente através dos meios midiáticos. Em entrevista, um anarco-punk os define como: “[...]hoje em dia é muito difícil a gente ouvir falar nesse tema e etc., mas pra mim, pra nós é uma coisa muito clara, for fun é toda aquela figura, banda, pessoa que busca uma divulgação, que busca qualquer alcance maior, através da mídia corporativa, através da mídia, dessa mídia que é nossa inimiga. Não é essa pessoa que faz acontecer, não é uma pessoa uma pessoa que faz por si mesma, é uma pessoa que tem seu trabalho musical ou intelectual ou o que seja e procura a mídia pra ser um meio entre ela e o público. Pra nós não existe esse meio, o meio é nós mesmos, nós fazemos produzimos, plantamos, criamos, colhemos. Toda estrutura do processo, existe todo o processo, passa por nossas mãos. Ai essas pessoas que não fazem essa escolha, fazem uma escolha, digamos assim, comercial e etc., essas pessoas, nós denominamos de for funs, essas pessoas que tem a arte, qualquer uma que seja, como uma mera forma de ganhar dinheiro, ou uma mera forma, qualquer forma que seja, que tem a ver simplesmente com o significado do capital e não tenha mais a ver com a realidade, com a crueza daquilo aonde ela nasceu. Então, essas pessoas que buscam esse meio de divulgação na arte, etc. chamamos de for fun, ou seja, são as pessoas que tentaram fazer do punk um brinquedo, essas nós chamamos de for fun, hoje amanhã e sempre[...] For fun é lixo.” (Entrevista ZK, 11 de maio de 2017). Canavieiras (2009, p. 40) referindo-se aos boicotes realizados por grupos punks aos denominados for funs diz: “Um dos motivos alegados por esses protestos seria a falta nesses indivíduos e suas bandas de uma postura mais radicalizada frente ao aparelho burguês, a indústria cultural de massa, faltava na verdade um engajamento desses “supostos undergrounds” naquilo que convencionaram acreditar que seria o alicerce do punk ou hardcore.”

Bastos (2005), porém não consegui a informação precisa de qual (ou quais) banda(s), é possível que tenha sido a *Desordem Armada*³⁶, outra acusação é de que também estaria sendo comercializando material de bandas do mesmo segmento, para arrecadar fundos e manter o espaço do CCS.

Não lembro direito, talvez fosse a *Desordem Armada*. Mas era uma coisa muito confusa também, a gente contestava esses caras, eles diziam que não, não sei quê, depois quando a gente percebeu que realmente tinha, eles tinham afinidade com esse tipo de coisa a gente rompeu e tal foi. E eles sumiram também né, eram meninos, assim, bem, bem boys mesmo, garotos. (Entrevista Renato Maia, 27 de Abril de 2017).

De acordo com Bastos (2005) um evento já havia sido interrompido, por uma pequena confusão na frente do prédio ocupado pelo CCS, quando ex-integrantes do NAL teriam tentado forçar a entrada.

Um outro ponto de desavença foi o lançamento do EP “*Cenas Anarco Punk’s Vol.1*”, pela distribuidora independente *Boas Novas Records*, de acordo com Canavieiras (2009) “A discussão girou em torno da comercialização do material que os *anarco-punks* disponibilizaram em lojas de discos convencionais, enquanto os *hardcore* defendiam a divulgação do disco restrito ao movimento, de *punk pra punk*.”

No período, é importante registrar isso também, eu tava organizando, chamei pra organização daquele LP, *Cenas Anarcopunks* né, e é engraçado que foi mesmo no período de transição, ainda tinha uma banda lá, a *Cacará Core* né, que era formada metade por pessimistas também, e participaram tal. E a gente ficou muito abalado, a *Discarga Violenta*, por isso também, tinha banda naquela coletânea que era *anarco-punk*, que detonava a questão *anarco-punk* posteriormente. (Entrevista Renato Maia, 27 de Abril de 2017).

Em meados de 1995/96³⁷ que ocorreu a “grande briga”, sobre este episódio, houveram diferentes versões, alguns que falaram informalmente contaram diferentes visões, até por ter sido uma briga com várias pessoas e de diferentes estados, garotos e garotas estiveram nesta confusão, o racha já não estava restrito a cena *punk/ anarco-punk* de João Pessoa. É interessante deixar claro que havia contato entre *anarco-punks* e *punks hardcore* de estados

³⁶ *Desordem Armada*: banda formada em 1987, com sonoridade *hardcore*, porém com simpatia ao nacionalismo de acordo com Nunes (1998, p.37).

³⁷ A data correta é imprecisa, Bastos (2006) afirma que foi em meados de 1996, houve um entrevistado que afirmou 1997.

mais distantes desse conflito, e até do exterior (ou seja, este conflito tinha particularidades locais). E alguns que não concordavam com o mesmo da maneira que acontecia em João Pessoa. Para Bastos (2005) o início do desta briga se deu quando um *punk* do CCS atacou o bando *hardcore* com um “munchaco”³⁸, para revidar as provocações feitas pelos mesmos. O único entrevistado que relatou a confusão com mais riqueza de detalhes diante de um gravador, contou da seguinte maneira:

[...]a gente organizou um evento com uma banda de Recife, o *The Chaos*, a *Escória Fúnebre* de João Pessoa e os *Quimicos*, uma banda de punk reggae de, que era simpatizante também do CCS[...] Aí quando o evento *tava* começando chegam algumas pessoas assim, que iam assistir o evento aterrorizadas: nós fomos cercados ali, queriam agredir a gente dizendo pra a gente não vir pra o evento por que não sei o quê...Nossa tá nesse grau cara que absurdo. E lá no Cilaio tinha muita gente, assim, de fora, de Recife, daqui de Natal, de Campina Grande, e aí a gente *tava* de certa forma seguro até porque não acreditávamos que ia haver violência né. Foi aí que desceu um casal, assim, o Cilaio fica numa ladeira né, e em frente ao Cilaio eles começaram a pichar lá na frente assim: “Boicote à farsa, *Discarga Violenta* a farsa, boicote!”. [...] E aí de repente vem descendo, assim, uma galera né, acho que tinha, não sei quantas pessoas, tinha algumas pessoas de fora também, não lembro direito. E aí com cintos no ar girando, correntes e tal, só que a gente não sabia que tinha outras armas também né, depois da briga foi que a gente percebeu que algumas pessoas tinham sido cortadas com estilete, canivete, não sei o que. E aí eles começaram a gritar de forma bem agressiva, e aí algumas pessoas foram pra cima também questionar, e aí começou o empurra, empurra e a briga se generalizou assim, foi pedras, socos, foi uma briga campal nesse dia, assim. Quando eles correram, porque começaram a apanhar mesmo, assim, a gente percebeu que duas pessoas da gente *tavam* cortadas, a gente nem sabia, nunca imaginou que... foi uma coisa muito sutil, a pessoa que fez isso assim, e provavelmente na covardia né, porque ambos os cortes foram por traz, uma pessoa cortada na garganta, assim pegando na parte de traz e outro nas costas. Um absurdo isso né cara, podia ter tido morte nesse dia, de pessoas que até então, dois meses antes eram bem próximas entendeu? Uma coisa que, injustificável, até hoje fico pasmo assim quando eu recordo por que eu não consigo entender como se deu aquilo ali. (Entrevista Renato Maia, 27 de Abril de 2017).

Este é um tema delicado, pois envolve violência e trocas de acusações com personagens de uma história que ocorreu a cerca de 20 anos.

³⁸ Munchacu: o autor se refere ao nunchaku, uma arma de artes maciais que consiste em dois bastões conectados por uma corda ou corrente.

A maioria já não se assume como *punk*, outros preferem nem falar sobre esse passado, enquanto que alguns ainda são *punks*, e os sentimentos causados por estes acontecimentos não foram totalmente “esquecidos”, pois, naturalmente, pessoas que um dia se consideraram amigas, não se falam mais até hoje. Neste ponto podemos considerar que estes “acontecimentos ainda estão a se desenvolver” (Jathay, 2012), caracterizando este tipo de pesquisa, também como *História do tempo presente*, um outro campo da História Cultural, do qual o historiador é espectador e/ ou participante.

Outro aspecto que é muito importante analisar é a questão da alteridade no processo da formação das identidades desses grupos. Entendendo a identidade como construção simbólica, imaginária, de sentido que, a partir da ideia de pertencimento, organiza um sistema compreensivo, uma representação, que produz a coesão do grupo. Esta coesão grupal, que parte do subjetivo ao coletivo, estabelece a diferença, a alteridade, no defrontamento com o outro. Na fala de diferentes entrevistados, havia proximidade e amizade entre pessoas que faziam parte de um grupo, com diferentes ramificações e que depois se dividiu. Várias imagens da época registram que havia convívio. É possível conviver com a alteridade, em termos de admiração, sedução, estranhamento, porém o lado que se manifestou nessa relação foi a modalidade da negação. A exclusão e a negação de um lugar social de um grupo em relação ao outro, entrevistados de ambos os lados desse conflito, relataram que faltou respeito às diferenças ou que a crítica poderia ser feita de outra forma, ou ainda deixada de lado.

[...]tudo que vai volta, bate na cara leva na cara. Então se foi feito, não vou dizer que me arrependo não, por que foi uma coisa que né, rolou, aconteceu lá naquela época, não vou dizer que se fosse pra fazer de novo faria, por que pra mim já não ia dá, não tinha nada a ver, entendeu? Mas assim, se fosse repensar eu não teria feito não. Melhor ter deixado quieto, deixado isso pra lá, ficava na minha, pronto, deixava eles viver a vida deles. Eu vivia o meu hardcore com a minha galera [...] havia uma grande diferença sim, de visual e produção. A questão do hardcore fazia uma coisa mais intensa, era o convívio a música, a cultura. O anarco-punk também, tinha essa convivência também, lógico, mas mais jogada pro lado político do meio, sempre buscando o meio, mais a política, a politização, e o hardcore era mais aquela coisa cultural, mais de rolê, tocar um som, formar uma banda, criar uma cooperativa e trocar comunicação com outras pessoas, trocar

informação, divulgar material, então a gente era mais assim, tá entendendo? Circulava mais nesse meio aí. (Entrevista Sergio Costa, 9 de maio de 2017)

Pode-se afirmar que o próprio punk surge de uma alteridade em relação a sociedade e a normatividade, em falta de alternativas e perspectiva de futuro, os primeiros punks forjaram uma nova identidade, da qual que surgiram diversas outras em diferentes facções que, por sua vez, também tem suas divisões.

Desta geração alguns permanecem *punks* ou *anarco-punks*, pois passados mais de 40 anos do aparecimento deste movimento, em João Pessoa cerca de 30, este não se trata mais de um movimento apenas de jovens e adolescentes.

Os sociólogos de Boston Jack Levin e Philip Lamy – então nas universidades Northeastern e Brandeis respectivamente -, escrevera em ensaio em 1984 que analisava o punk rock. Os autores rejeitaram o esteriótipo popular de violência que cerca os punks, mas deixaram de reconhecer qualquer força que o movimento pudesse ter. “Levin disse que está confiante que os Punks, como outras gerações irão passar por essa fase e tornar-se cidadãos de classe média respeitáveis como adultos”. Existe um grande número de pessoas, hoje adultas, que poderiam desmentir essa declaração (O’HARA, 2005, p.50).

Dos *punks* dos anos 90 da capital paraibana, houve quem foi morar em outros estados ou no exterior, houve caso de suicídio, outros não gostam de seu passado *punk*, dentre os cinco entrevistados nesta pesquisa, os que não são mais *punks* mantém alguma proximidade com o movimento. Não consegui entrevistas com mulheres, que são uma minoria no *punk*, mas não menos ativas, produtivas e importantes que os homens, acrescentando o feminismo no cenário, além do coletivo Insubmissas do CCS, havia a banda de garotas *Aberração Sonora*. A cena pessoense se renovou ao longo dos anos, tendo integrantes que entraram e saíram, sempre em integração com a cena de Campina Grande-PB e outros estados.

Os ânimos permaneceram acirradas por um período, e algumas outras brigas ocorreram de acordo com relatos, porém, esta teria sido a maior. Com o passar do tempo, o CCS se reestruturou e manteve-se ativo até a primeira década do ano 2000 no prédio do Cilaio Ribeiro, a cena *punk hardcore*, ganhou novos personagens, diferentes da geração aqui pesquisada, já que poucos se

mantiveram por mais tempo, e sem grandes divergências com o *anarco-punk*, e em alguns casos houve até aproximação.

2.1 CENÁRIO ATUAL

Em termos de quantidade o movimento *punk* de João Pessoa é bem menor que no passado, ainda existem diferentes posturas no meio, porém sem grandes conflitos, a maior preocupação é manterem-se ativos e produtivos. As poucas divergências que existem são mais de caráter pessoal que de postura ao meu ver, havendo pouca divisão, mas ainda havendo.

A cena se mantém ativa mais ligada a questão cultural, sem rejeitar a parte política. Dos últimos eventos ocorridos nos últimos anos podemos citar, as gig's e movidas³⁹ *[DIS]CONTROLE-SE!*, na *Caixa de Resistência Cultural*, no município de Santa Rita, região metropolitana de João Pessoa, mesmo lugar onde aconteceu uma *Feira Punk Anarquista* em abril de 2016, ocasião em que a truculência da PM-PB tentou interromper o gig, ocasionando um tumulto. Tocaram *Descarga Violenta*, *Dose de Pus* (Campina Grande), *Banquete dos Vermes* (João Pessoa), entre outras, além de exposições e vendas de livros, camisas, *buttons*, etc. Um outro evento contra o machismo na cena *punk* e libertária foi realizado em 2016 no Bar do Mofado, com participação da *C.U.S.P.E.*, *Dose de Pus* e outras bandas ligadas ao *underground* de Campina Grande.

Ainda existe integração com cenas de outros estados e com a cena de Campina Grande, como pudemos ver, a exemplo do evento realizado em agosto de 2017, chamado “Dias de Cultura Punk”, com realização em Fortaleza-CE, Natal-RN e terminando em Campina Grande-PB. Em Natal houve a participação da banda pessoense⁴⁰ *Banquete dos Vermes*, com estes que tenho mais proximidade, e na cidade de Campina Grande participaram três bandas de João Pessoa, *Foda-se a Existência*, *Insatisfação Constante* e uma banda feminista chamada *Margaridas em Fúria*. Nem todas estas últimas

³⁹ Uma expressão usada por punks para designar movimentações, gig's e intervenções.

⁴⁰ Usamos apenas como localização geográfica, pois os punks em sua grande maioria, se não em sua totalidade, rejeita regionalismo.

bandas citadas são *punks* mas tem ligação com o *underground*, e mesmo as que são, tem indivíduos de diferentes posturas, visões e até divergências na forma do praticar e ser *punk*, mas esta já é uma outra história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao revisitar as décadas de 80 e 90, verificamos as diferentes vertentes do *punk* que se desenvolveram na cidade de João Pessoa sempre em diálogo com as diversas fontes e autores(as), analisamos sua formação identitária através das diferenças de suas posturas políticas e produções contraculturais. Entrevistei pessoas na cidade de Natal-RN, João Pessoa-PB e Campina Grande-PB. Infelizmente não consegui entrevista com mulheres e nem com um personagem importante desta história que atualmente mora na Europa, mas foi possível um diálogo com os vestígios deixados pelo mesmo, já que produziu zines, deu entrevistas a outros e participou de várias bandas nesta época, deixando suas representações, através das quais foi possível verificar um pouco de sua subjetividade, em um cenário de diferentes “tribos” no *underground* pessoense.

Refletimos sobre a contribuição da História Cultural neste tipo de pesquisa e dos diversos campos que sua metodologia pode nos oferecer, resgatando os sentidos e práticas do “ser *punk*” em suas diferentes visões práticas e discursos.

Foi possível construir uma pequena historiografia do movimento *punk* desde seu início até sua chegada à Paraíba, de uma forma que podemos concluir que trata-se de algo que vai muito além de um passageiro modismo juvenil, embora atraia menos a atenção das novas gerações, um movimento cultural, político e social com suas diversidade de opiniões e práticas muitas vezes conflituosas, mas levadas a sério por seus participantes. Práticas que sobrevivem nas novas gerações de *punks*, algumas, infelizmente, ainda negativas. Mas acredito que estes acontecimentos passados, também serviram para que os sujeitos reflitam sobre suas próprias práticas, e sobre a aceitação da diversidade em seu próprio grupo que, como um movimento contracultural e de caráter anarquista (uns militantes, outros não), deve saber bem quem é seu verdadeiro inimigo.

Também trata-se de uma pesquisa um pouco mais aprofundada neste embate ocorrido em João Pessoa, algo inovador em relação às pesquisas anteriores, que também foram valorosas fontes para a realização desta. Acredito que este trabalho possa contribuir não só com a historiografia do *undergroud*, contracultura e *punk* paraibano no meio acadêmico, mas também com todos(as) aqueles(as) que desejarem conhecer um pouco mais sobre este tema na Paraíba.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

PASSAVENTO, Alberti Verena. **Fontes Orais. História dentro da História.** In: PINSKY, Carla Bassanezi,(org.). São Paulo: Contexto, 2005.

AMPUDIA, Ricardo. **Odiados e orgulhosos, um mapa da ação e organização dos grupos skinheads no estado do Paraná.** Publicação independente, 2006. [acessado em 1 de dezembro de 2017]. Disponível em: <http://virosetropical.blogspot.com.br/2012/08/odiados-e-orgulhosos-ricardo-ampudia.html>

ARAÚJO JÚNIOR, Carlos Ferreira de. **A hora da vingança: astúcia e experiência anarcopunk nas cidades de Campina Grande-PB e João Pessoa-PB (1988-2006).** Campina Grande, 2010. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História. Universidade Estadual da Paraíba.

BASTOS, Yuriallis Fernandes. **Partidários do anarquismo, militantes da contracultura: um estudo sobre a influência do anarquismo na produção cultural do anarco punk.** Caos – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, n. 9, set. 2005.

BIVAR, Antonio. **O que é punk.** 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Coleção Primeiros Passos, 76).

DURIER SEGUNDO, Dan José Mendonça. **Hardcore punk: negação política e (contra) cultural no “som do atrito” em João Pessoa.** João Pessoa, 2016. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais. Universidade Federal da Paraíba.

CAIAFA, Janice. **Movimento Punk na cidade: a invasão dos bandos sub.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2ª ed. 1989.

FLEURY, Luiz Eduardo de Jesus. **O Hardcore em Goiânia nos anos 90: um estilo de vida**. Goiânia, 2015. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) Universidade Federal de Goiás.

CANAVIEIRAS, Solano Alves. **A trajetória da música Punk em João Pessoa na década de 1990**. Guarabira, 2009. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História. Universidade Estadual da Paraíba.

HALL, Stuart. Quem precisa de Identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidades e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HOME, Stewart. **Assalto à cultura: utopia subversão guerrilha na (anti) arte do século XX**. São Paulo: Conrad do Brasil, 1999.

MCCAIN, Gillian e MCNEIL, Legs. **Mate-me favor: uma história sem censura do Punk**. Porto Alegre: L&PM, v. 1 e 2, 2011.

MEDEIROS, Fábio Queiroz e NUNES, Rogério Maurício. **O rock paraibano nos anos 80**. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 1998.

O'HARA, Craig. **A filosofia do punk: mais do que barulho**; tradução, Paulo Gonçalves – São Paulo: Radical Livros, 2005.

PASSAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 3ª ed., 2012.

TEIXEIRA, Ademir Leonardo. **O movimento punk no ABC paulista, Anjos: uma vertente radical**. São Paulo, 2007. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

WOODCOCK, George. **Anarquismo, uma história das ideias e movimentos libertários – vol. 2: o movimento**; Tradução de Alice K. Miyashiro – Porto Alegre: L&PM, 1984.

DOCUMENTÁRIOS E VÍDEOS:

LIRA, Bertran, PONTES, Everaldo, **Tá sentindo cheiro de queimado?**, UFPB: João Pessoa, 1991.

MARCELO. **Documentário Rio Punk**, Rio de Janeiro, 2007.

MOREIRA, Gastão, **Botinada: a origem do punk no Brasil**. São Paulo, 2006

Movimento Anarcopunk - Programa Matéria Prima TV Cultura (1991).

[acessado em 1 de dezembro de 2017]. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=PbpADWqvCsk>

RODRIGUES, João Carlos, **Punk Molotov**, Rio de Janeiro, 1984.

SCHWEIZER, Daniel, **Skinhead Attitude**, Suécia, 2003.

TEMPLE, Julien, **The Filth and Fury – Sex Pistols** – filme documentário.

FANZINES:

Buraco Suburbano, Goiania, 199?

Írax, Goiania, 199?.

Marginal Survival Zine Punk, n. 2, Feira de Santana, 1998.

Ruptura, boletim periódico do Núcleo Hadcore-RJ, n.1, Rio de Janeiro, 1995.

Skepct, n. 2, 3 e 4, João Pessoa, 1998.

SITES:

NASCIMENTO, Rogério do. **Anarco punk no Nordeste**. Arte e Anarquia Blog [Internet]. Disponível em:
http://arteeanarquia.xpg.uol.com.br/anarcopunk_no_nordeste.htm [acessado em 5 de novembro de 2017]

ENTREVISTAS:

Alecsandro de Medeiros, dia 12/05/2017; Derek Costa, dia 14/07/2017; Renato Maia, dia 27/04/2017; Sérgio Costa, dia 09/05/2017; ZK, dia 11/05/2017.

ANEXOS:

ANEXO I: Festival O Começo do Fim do Mundo, 1982.



DISPONÍVEL EM: <https://www.freakmarket.com.br/revista/vida/ser-punk-no-brasil>

Acessado em: 2/12/17

Anexo II: Festival reunindo várias bandas, entre elas: Anti-Timpanos e Hecatombe Nuclear.



FONTE: <https://deteriorationzine.wordpress.com/tag/hecatombe-nuclear/>
Acessado em 30/11/17.

ANEXO III: Punks hardcore, bairro de Mangabeira, João Pessoa, 1998

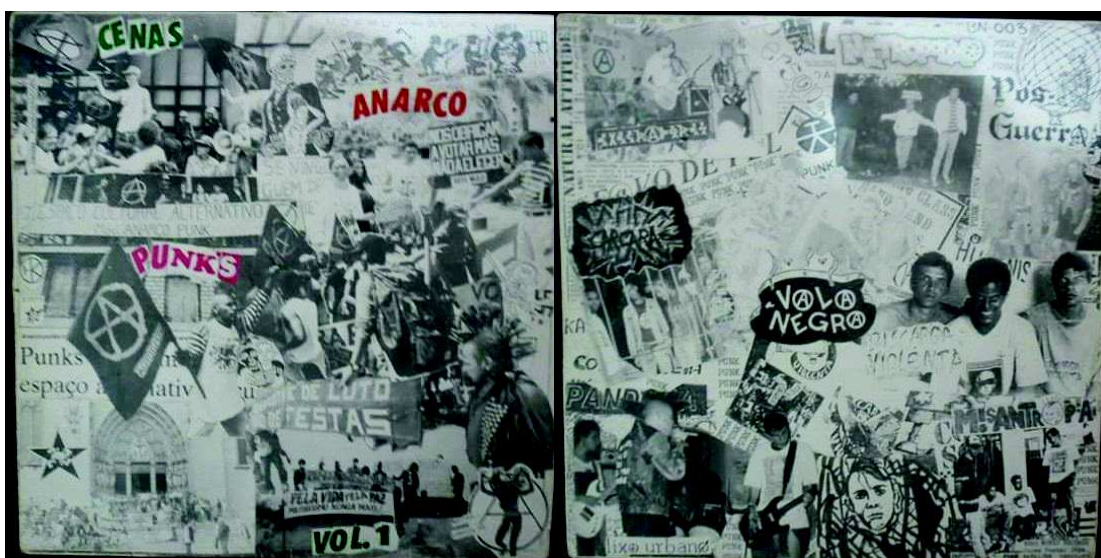
FONTE: arquivo pessoal Alecsandro de Medeiros.

ANEXO IV: BANDA LIXO

FONTE: Zine Irax

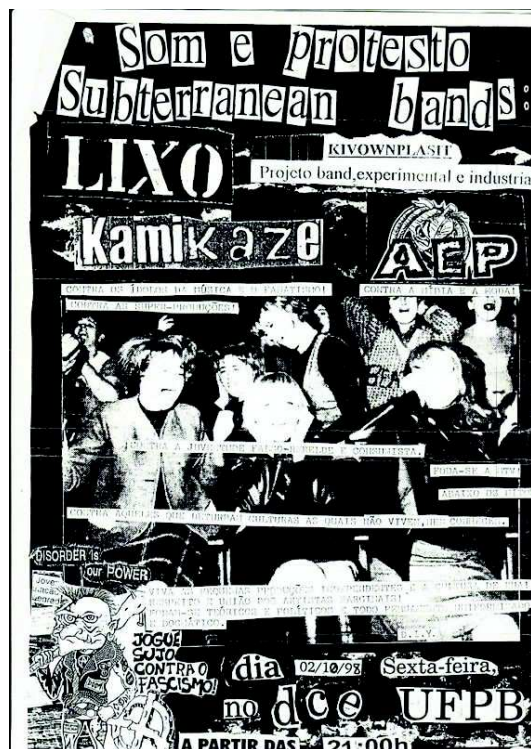
ANEXO V: banda Turmentego

FONTE: arquivo pessoal do pesquisador.

ANEXO VI: Ep Cenas Anarcopunk Vol. I, frente/verso

FONTE: arquivo pessoal do pesquisador

ANEXO VII: Cartaz com a banda Lixo, 1998.



Disponível

em:

https://www.facebook.com/brazilhardcore/?hc_ref=ARS1MFGa_T7xejPIN777X_DYt3lxrdWvIkqtw59E97XUXXjqCn7nXDsS7FA4tkzAw39Q&fref=nf acessado em: 5/12/2017

ANEXO VIII: Banda goiana, Desastre, DCE- UFPB, João Pessoa 1998.



Disponível

em:

<https://www.facebook.com/desastrehc/photos/a.1099648856756748.1073741828.401423073246000/1099654453422855/?type=3&theater> acessado em: 5/12/2017

ANEXO IX: Encarte demotape Agente Laranja



Disponível

em:

https://www.google.com.br/search?q=agente+laranja+punk&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=G1yVV1roLa74TM%253A%252C2qwZY0i7piEsVM%252C&usq=vPCfZ-G0hAu6wHRzmQ7Pn4IHXTA%3D&sa=X&ved=0ahUKEwj76v7QIPXXAhUMHpAKHQyBBD0Q9QEIMjAE#imgsrc=alfaXQQNTfj4_M:

Acessado em 5/12/2017.

ANEXO X: Eventos que aconteceram no CCS.



Fonte: Arquivo pessoal Yuriallis Bastos.